



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**



**O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO PÓS-RESSOCIALIZAÇÃO DE
DUAS CRIANÇAS SELVAGENS.**

**FERNANDA GABRIELLE ANDRADE LIMA
RECIFE/2006**

FERNANDA GABRIELLE ANDRADE LIMA

**O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO PÓS-RESSOCIALIZAÇÃO DE
DUAS CRIANÇAS SELVAGENS.**

Dissertação apresentada como requisito para cumprimento dos créditos para obtenção do título de Mestra em Ciências da Linguagem, pela Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do professor Dr. Moab Duarte Acioli e co-orientação da professora Dr.^a Maria Lúcia Gurgel da Costa.

RECIFE/2006

L732p

Lima, Fernanda Gabrielle Andrade

O processo de comunicação pós-ressocialização de duas crianças selvagens / Fernanda Gabrielle Andrade Lima ; orientador Moab Duarte Acioli ; co-orientador Maria Lúcia Gurgel da Costa, 2006.

97 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão 2006.

1. Aquisição de linguagem. 2. Crianças selvagens. 3. Crianças - Linguagem. 4. Socialização. I. Título.

CDU 612.78

FERNANDA GABRIELLE ANDRADE LIMA

**O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO PÓS-RESSOCIALIZAÇÃO DE
DUAS CRIANÇAS SELVAGENS.**

Defesa Pública em ____/ ____/ 2006

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^o. Moab Duarte Acioli (UNICAP)
Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB)
Membro

Prof^ª. Dr^ª. Bianca Arruda Manchester de Queiroga (UNICAP)
Membro

RECIFE/2006

DEDICATÓRIA

- β À minha mãe, **Lerismar Pereira de Andrade Lima**, por ser uma mulher forte, amiga zelosa, de todas as horas, que me transmite carinho e compreensão, com sensibilidade aguçada, me dá força, incentivando-me a prosseguir sempre. Insubstituível, ela é aquela a quem foi destinada a difícil missão de estabelecer a forte e honrada estrutura familiar na qual fui criada e muito me traz orgulho.
- β Ao meu pai, **Fernando Silvino de Lima**, que como o próprio nome já diz, é uma pessoa ousada, um batalhador incansável, é um exemplo de determinação, coragem e também, grande responsável pelas minhas conquistas.
- β À minha irmã-amiga, **Alynne Andrade Lima**, poderia dedicar esse trabalho pela admiração e respeito que tenho por ela, ou ainda pelas inúmeras qualidades que ela tem, como: determinação, amizade, companheirismo e lealdade, mas prefiro dedica-la, simplesmente, pelo muito que ela significa pra mim.
- β Ao meu irmão **Wendell Andrade Lima**, a minha cunhada **Yosanara Lima** e aos meus sobrinhos **Fernandinho e Layla**, por fazerem parte do meu suporte familiar.
- β Ao **Tutor e a Tutora** das “crianças,” que confiaram a mim a realização desse trabalho. Gostaria também de expressar a minha admiração a eles, pela ética, pelo amor e pelo cuidado sempre dedicado a João e Pedro.
- β A **João e a Pedro** por todo trabalho realizado.

AGRADECIMENTOS

- β Agradeço, em primeiro lugar, a **Deus**, que dispensa qualquer comentário.
- β À minha querida amiga, **Alessandra Navaes Turton**, que além de ter sido a grande incentivadora desse trabalho, é sem dúvida a maior colaboradora. Contribuiu na coleta do material estudado e ainda me auxiliou com suas críticas e sugestões. Agradeço também pelas sábias lições que não podem ser encontradas em livros.
- β À minha grande amiga, **Rosa Galindo**, que às vezes se esquece dela e se empresta pra mim.
- β À minha grande amiga, **Coeli Regina Ximenes**, que sempre está ao meu lado em todos os momentos, dizendo sempre que posso tudo que realmente quero, pois acredita na minha capacidade.
- β As minhas amigas inesquecíveis, **Karine Pontes** e **Luciana Felix** pela eterna amizade e companheirismo.
- β Ao Prof. Dr. **Moab Acioli**, meus agradecimentos pela orientação, pela dedicação, pela força e incentivo.
- β Aos **entrevistados**, pela valiosíssima colaboração neste trabalho.
- β À Profa. Dra. **Maria Lucia Gurgel** que cooperou com este trabalho através de sugestões que enriqueceram o trabalho.
- β À Profa. Dra. **Marígia Ana de Moura Viana**, pelo apoio à pesquisa e pelo estímulo à vida acadêmica.
- β À minha amiga **Fátima** — “**criaturinha**” é como prefiro chama-la — por ter sido o meu maior presente deste mestrado.
- β Aos **meus colegas de mestrado** pelas fervorosas discussões em sala de aula e principalmente pelo companheirismo e respeito para comigo.

- β A **Fernandinho, Layla e Valentina** pelos lindos sorrisos inocentes que sempre nos encorajam em situações difíceis.
- β Agradeço ainda a todos que de forma direta ou indireta também contribuíram com este trabalho.

RESUMO

Nos anos 90, no Sertão de Pernambuco, foram encontradas duas crianças que viviam como animais. Elas passaram aproximadamente sete anos em cativeiro. No momento do resgate as crianças estavam desnutridas e famintas, não andavam como bípedes, não falavam, emitiam apenas grunhidos. Nesse trabalho, resgatamos a história de vida dessas crianças antes, durante e após o confinamento. Mostramos também a existência de outras crianças que viveram de forma parecida em todo o mundo. Discutimos a causa da privação sociocultural. Descrevemos e analisamos o processo de ressocialização desses sujeitos, no que se refere à linguagem.

Palavras chaves: crianças selvagens, linguagem e ressocialização.

ABSTRACT

During the 90 decade, at the brazilian state of Pernambuco wilderness, two children were founded living like animals. They had passed seven years in captivity. At the ransom's moment, the children were emaciated and starving, they didn't walk like biped and didn't talk, just emitted grunts. At this research, the authoress released this children's life history before, while and after the confinement. It was also presented the existence of others children in the world who lived at the same condition. At this study, there was a discussion concerning the cause of this sociocultural deprivation. Finally, there was another discussion and analyze about the impact of ressocialization process at the language development.

Key words: wild children, language and ressocialization.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Pedro ao ser retirado do cativoiro em 1994	34
FIGURA 02 – João aos ser retirado do cativoiro em 1994	34
FIGURA 03 – Curral onde Pedro e João foram confinados	42

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Registros relativos de pedidos de objetos segundo videografia .	60
GRÁFICO 2 – Registros relativos de reconhecimento do outro segundo videografia	62
GRÁFICO 3 – Registros relativos de exclamativo segundo videografia .	64
GRÁFICO 4 – Registros relativos de expressão de protesto segundo videografia	66
GRÁFICO 5 – Registros relativos de protesto segundo videografia . .	67
GRÁFICO 6 – Registros relativos de performativo segundo videografia . .	69
GRÁFICO 7 – Registros relativos de pedido de rotina social segundo videografia	70
GRÁFICO 8 – Registros relativos de comentários segundo videografia . .	71
GRÁFICO 9 – Registros relativos de não focalizada segundo videografia . .	72
GRÁFICO 10 – Registros relativos de pedido de ação segundo videografia .	72
GRÁFICO 11 – Registros relativos de exibição segundo videografia . .	75
GRÁFICO 12 – Registros relativos de jogo compartilhado segundo videografia	76
GRÁFICO 13 – Registros relativos de pedido de informação segundo videografia	79
GRÁFICO 14 – Registros relativos a nomeação segundo videografia . .	80
GRÁFICO 15 – Registros relativos exploratória segundo videografia . .	81
GRÁFICO 16 – Registros relativos pedido de consentimento segundo videografia	82
GRÁFICO 17 – Registros relativos auto-regulatória segundo videografia .	83
GRÁFICO 18 – Registros relativos jogo segundo videografia	83
GRÁFICO 19 – Registros relativos do total das funções comunicativas segundo videografia	84

LISTA DE PROTOCOLO

PROTOCOLO 01 – O processo público	anexo n. 01
PROTOCOLO 01 – Pragmática. Protocolo para transcrição de fita	anexo n. 02
PROTOCOLO 02 – Pragmática. Ficha – Síntese	anexo n. 03

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. NATUREZA, CULTURA E PRIVAÇÃO SOCIOCULTURAL	16
2. AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	27
3. MATERIAL E MÉTODO	33
3.1. Descrição do caso	33
3.2. Campo	34
3.3. Sujeitos	35
3.4. Instrumentos	36
3.4.1. História de vida	36
3.4.2. Entrevistas espontâneas	38
3.4.3. Análise videográfica	38
3.5 Recursos audiovisuais	41
3.6 Aspectos éticos	42
4. HISTÓRIA DA PRIVAÇÃO SOCIOCULTURAL DE JOÃO E PEDRO	43
4.1. Primeiro período: antes do cativo	43
4.2. Segundo período: o resgate e o início da convivência com os tutores	47
4.3. Impacto no comportamento geral decorrente da ressocialização de João	49
4.4. Impacto no comportamento geral decorrente da ressocialização de Pedro	54
4.5. Síntese da história de Pedro e João contada através dos depoimentos	56
5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO IMPACTO NAS FUNÇÕES COMUNICATIVAS DURANTE O PERÍODO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE JOÃO E PEDRO	59
5.1. Descrição e análise do impacto nas funções comunicativas durante o período de ressocialização de João	60
5.2. Impacto no comportamento geral decorrente da ressocialização de Pedro	86
5.3. Descrição e análise do impacto nas funções comunicativas durante o período de ressocialização de Pedro	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
BIBLIOGRAFIA	94

INTRODUÇÃO

Recebemos a natureza por herança, mas a cultura não nos pode ser dada senão pela educação.

François Truffaut (*apud* Gonçalves; Peixoto, 2001)

No começo dos anos 90, houve uma denúncia em uma cidade situada na Mesorregião do Sertão¹ do Estado de Pernambuco, que duas crianças foram criadas como verdadeiros animais, vivendo junto a porcos num curral de varas. Esta descoberta sensibilizou determinada autoridade pública a solicitar e obter a guarda das mesmas, com interesses humanitários e cobrança rigorosa de sigilo e anonimato.

Histórias como tais são raras, e em todo o mundo existem registros de cinquenta e três casos, entre menores de variadas idades e regiões do planeta, privados do contato sociocultural (GONÇALVES ; PEIXOTO, 2000). Faz-se mister salientar, na maior parte dos mesmos, que elas sobreviveram com o apoio de animais. Ainda segundo Gonçalves e Peixoto (2000), o registro mais antigo de crianças selvagens data o ano de 1344, e o mais recente ocorreu em 1961. Esses infantes por algum motivo foram privados de um ambiente apropriado para o desenvolvimento de funções intelectuais e afetivas.

Outras ocorrências, além desta em Pernambuco — segundo um site na internet que recebeu o nome de *Feral Children* —, foram relatadas e ficaram famosas, como o caso Peter Selvagem (Alemanha, 1724), Victor de Aveyron (Sul da França, 1799), Kaspar Hauser (Alemanha, 1828), a Menina Lobo – Mollie (Texas, 1845), Amala e Kamala (Índia, 1920), Genie (Estados Unidos, 1970); e em nenhum desses pode ser confirmado se a negligência teria sido motivada por conta de uma deficiência mental ou física da criança. Além disso, há

¹ <http://www.municipios.pe.gov.br/municipio/municipios/geral/index.asp?municipio=138>

dúvidas sobre a natureza da própria ação: abandono ou ocultamento, como por exemplo Kaspar Hauser (FERAL CHILDREN, s/d).

Um dos casos mais conhecidos foi de um menino encontrado no sul da França, em uma floresta de Caune, no ano de 1800, de onde originou o termo já referido de “criança selvagem”. Chamado pelo nome de Victor, foi “capturado” quando andava pela mata. Estava nu e aparentava ter entre doze a quinze anos. Mudo, emitia apenas grunhidos e sons estranhos. Parecia surdo, cheirava tudo que levava às mãos e a sua locomoção era mais próxima do galope, andando também de quatro (BANKS-LEITE ; GALVÃO, 2000).

Em outro caso bastante famoso, Amala e Kamala foram conhecidas como “meninas-lobo” e descobertas por um missionário, o reverendo Singh, num vilarejo de Calcutá, em 1920. A população imaginava serem dois fantasmas, mas a descoberta foi de duas garotinhas, uma contando em torno de oito anos e outra, um ano e meio. Ambas comiam, dormiam, enfim, viviam com um grupo de lobos. A narrativa acabou por inspirar a criação do personagem *Mowgli* de autoria de Rudyard Kipling (MASSINI-CAGLIARI, 2003).

Compreendemos privação sociocultural como uma exclusão do sujeito do mundo simbólico da cultura, não havendo condições propícias para a aquisição de comportamentos mais elaborados, inclusive a linguagem verbal. Após percorrer esses casos, podemos perguntar quais os motivos que permitiram ocorrer essa experiência de privação? Uma hipótese, no caso de Victor de Aveyron, foi aventada pelo alienista Pinel no ano de 1800, quando o comparou com outras crianças que freqüentavam uma escola para surdos em Paris, defendendo a idéia de ter sido ele abandonado na floresta pela condição de idiotia. Itard, no mesmo ano, discordou do “diagnóstico” excludente e defendeu que o estado que se encontrava o garoto era proveniente da privação do contato social, não tendo sido originado por nenhuma patologia (BASKS-LEITE ; GALVÃO, op.cit.).

Pensando neste caso de Victor, e nas crianças de Pernambuco elaboramos o seguinte problema de pesquisa: as dificuldades na comunicação, durante o momento do resgate dessas crianças, por conta de poucas ou inexistentes verbalizações, são causas ou conseqüências da privação sociocultural? Durante o processo de ressocialização, entendido como uma colocação da criança em situações que possibilitem uma interação com os elementos simbólicos socioculturais, existem impactos nessa forma de comunicação?

A partir dessa pergunta norteadora, escolhemos como objeto de estudo investigar este impacto do processo de ressocialização de crianças selvagens em Pernambuco, nas suas funções comunicativas.

Nesse sentido, o objetivo geral da presente dissertação é descrever o desenvolvimento da comunicação de duas crianças selvagens após o processo de ressocialização em uma cidade de Pernambuco. Como objetivos específicos, investigar os motivos determinantes da privação sociocultural; compreender os resultados do processo de ressocialização da criança no desenvolvimento da comunicação; e analisar os elementos paralingüísticos na interação entre a criança e os sujeitos da convivência atual.

A justificativa se fundamenta num princípio de que essas crianças foram privadas da condição de ser humano, que é dada como direito a todo sujeito ao nascer. Trata-se de um estado limite de exclusão do universo sociocultural, com graves repercussões na compreensão, expressão e comunicação da linguagem. Num sentido científico, é uma oportunidade relevante de compreender o processo de aquisição de linguagem, suas repercussões com a organização cultural, através desse estudo de caso, cujos sujeitos principais se encontram na fronteira entre o natural e o cultural da linguagem.

Num sentido epistemológico, permite a percepção da complexidade do fenômeno linguagem e isso estimula um re-pensamento sobre os conceitos que supervalorizam a

linguagem verbal, muitas vezes “patologizando” as diferenças, que podem ser relativizadas através do conceito sociológico de desvio.

Por outro lado, num sentido ético, existe uma obrigação moral de pensar em estratégias de ressocialização desses sujeitos, e do cuidado deles não serem estigmatizados, dando a oportunidade para que se constituam como seres únicos, respeitando a sua forma singular de se existir.

A presente dissertação foi dividida da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos uma discussão sobre a distinção entre natureza e cultura e as conseqüências da privação sociocultural; no segundo capítulo, o processo de aquisição de linguagem; no terceiro capítulo, método (material, a descrição do caso, o perfil dos sujeitos, as etapas de pesquisa e os instrumentos); no quarto capítulo, como resultados, a história desta privação sociocultural e no quinto, a análise da linguagem no impacto do processo de ressocialização.

Em seguida será iniciada uma discussão teórica sobre a distinção entre natureza e cultura, constituinte do capítulo primeiro.

1. NATUREZA, CULTURA E PRIVAÇÃO SOCIOCULTURAL

As crianças selvagens estudadas, por algum motivo na história das suas vidas, foram privadas de contatos humanos, sendo obscuro saber se total ou parcialmente. Em outras palavras, não lhes foi permitido interagir plenamente com esse sistema simbólico chamado cultura.

É sábio que somos animais da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos hominídeos, do gênero homo, da espécie sapiens, e que fomos submetidos a um processo de evolução biológica de milhões de anos e de evolução cultural de dezenas de milhares desde os hominídeos.

Durante este processo de evolução filogenética passamos por diferentes formas de comunicação, da mais primitiva, como o gesto — que durante algum tempo foi o único instrumento —, até a mais elaborada que é a verbalização, não podendo deixar de considerar que ambas devem ser definidas como linguagem. E como podemos saber de tudo isso? Primeiro, através de um entendimento do que seja cultura, discutida aqui e depois de um esclarecimento do que seja linguagem, que será abordada no próximo capítulo, tudo isso com a finalidade de teorizar sobre o impacto na ressocialização na vida das duas crianças de Pernambuco.

Em se tratando da cultura, a antropologia estudou a evolução do homem e também vem estudando a estrutura, a função, os sentidos da cultura, assim como o comportamento coletivo do mesmo. Os valores passam a ser relativizados, podendo inclusive ser pensada a possibilidade dos indivíduos amadurecerem, serem felizes e educarem seus filhos sem ter uma família “tradicional”. É possível este indivíduo se constituir sujeito sem estar inserido em um ambiente cultural?

Na tentativa de responder a essa pergunta, nos apropriamos da idéia de Hoebel e Frost (1976) a acreditarem que os seres humanos inventaram a cultura e por meio dela se domesticaram. Mas será que existe um espaço de tempo para que o ser humano consiga ser domesticado totalmente? Nesse processo de domesticação pode ser incluída a aquisição da linguagem? Nos clássicos livros de crianças selvagens, como, “A educação de um selvagem” de Banks-Leite (2000), “Savage girls and wild boys : a history of feral children” de Newton (2002), “Enfants sauvages : approches anthropologiques” de Strivay (2006) e até mesmo no caso em questão, podemos entender que parece haver um tempo “limite” quando se trata das questões do aprendizado da língua, o que permite entrar no universo da cultura. (FERAL CHILDREN, s/d). No filme *L'enfant sauvage* (1969), dirigido e interpretado por François Truffaut, percebemos a angústia de Itard, o educador, representado pelo diretor francês, ao se deparar com algumas situações do cotidiano que pareciam - aos olhos do personagem - não ter significado algum para Victor, o menino de Aveyron.

Numa situação hipotética, quase fictícia, crianças seriam privadas de uma convivência social, e julgavam que deveriam comer, beber, defecar, urinar, emitir sons e chorar, mas estes atos seriam apenas respostas aos estímulos biológicos. Porém, o que comeriam, quando comeriam e como comeriam, nada disso seria identificado por nenhuma cultura atualmente conhecida. Mais cedo ou mais tarde, deixariam de serem quadrúpedes e andariam apenas com os pés no chão, por conta da evolução biológica. Teriam uma experiência da copulação sem tabus de incesto, comunicariam os seus estados emocionais através de gestos e sons, mas seriam privados da linguagem verbal, desenvolvendo poucos traços que caracterizaríamos como “humanos”. Apesar de toda carência cultural, essas crianças futuramente desenvolveriam uma sociedade própria (HOEBEL e FROST, op.cit.).

Na teoria da evolução de Darwin sempre foi sugerida a idéia que os seres vivos se adaptam às condições do seu ambiente, e o mecanismo que o individuo utiliza para essa

adaptação é precisamente o comportamento, vindo este a sofrer variações com funções adaptativas. Ao se pensar nessa idéia, aceitamos o fato de que na relação do indivíduo com o ambiente, este não é apenas físico, mas também social e cultural (RODRIGUES, 2003). Através dessa relação, o indivíduo se transforma em sujeito, com prescrições e proscricões que caracterizam as normas éticas de uma determinada cultura.

Para reforçar essa idéia de que o homem não só se adapta ao ambiente em que vive, mas necessita dele para se constituir, buscamos em Morin (1973) o pensamento de que a condição humana não passa de uma matéria prima flexível que só adquire uma forma através da cultura. Isso implica uma diferença dos homens no espaço e no tempo, o onde e o quando eles se transformam de acordo com a sociedade. Então, a “natureza humana” não passa dessa matéria bruta e maleável que só adquire forma por influência da cultura ou da história? Esse estado natural é aquilo que o homem se desfez, e não aquilo que o constitui?

Algumas respostas para esses questionamentos podem ser buscadas nos casos clássicos que temos na nossa literatura de crianças selvagens, onde as mesmas por não estarem inseridas em uma cultura permaneceram no seu estado natural. Quais as referências teóricas que podem ser trazidas? Para responder, voltamos a falar no caso Victor quando Itard defende que o mutismo do menino, assim como os hábitos estranhos, seriam causados pelo isolamento que vivera desde a mais tenra infância.

Percebemos, através dos exemplos de “crianças selvagens” que a cultura tem um valor incomensurável para a constituição do homem. Mas o que é cultura? Esta definição é muito ampla e cada autor a elabora segundo diversos princípios. No livro “Interpretação das Culturas”, de Clifford Geertz (1989), é reproduzida a observação de Clyde Kluckhohn (1905-1960) sobre a existência de mais de cem conceitos sobre cultura. Entre alguns pode ser dito:

- a) o modo de vida global de um povo;
- b) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo;

- c) uma forma de pensar, sentir e acreditar;
- d) uma abstração do comportamento;
- e) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente;
- f) um celeiro de aprendizagem em comum;
- g) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes;
- h) comportamento aprendido;
- i) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento;
- j) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens;
- k) um precipitado da história, entre várias dezenas de outros.

Segundo Morin (2000), a cultura é o conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores e mitos, que se transmitem de geração a geração, reproduzem-se em cada indivíduo, controlam a existência da organização psicossocial entre os homens. Portanto, não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, e cada cultura é singular.

Hoebel e Frost (op.cit.) ainda afirmam que a cultura é um sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade. É importante afirmar que os instintos não estão inseridos na definição de cultura, pois eles são uma herança puramente biológica.

Outro aspecto relevante é ser provado, atualmente, que os seres humanos apresentam um modelo de transmissão cultural singular, sendo ainda observado que estas transmissões e respectivos artefatos culturais acumulam modificações ao longo do tempo de uma maneira que não ocorre nas outras espécies animais. Estes seres se diferenciam, pois são

capazes de combinar os seus recursos cognitivos de uma maneira não encontrada em nenhuma outra espécie (TOMASELLO, 2003).

Nesse sentido, Tomasello, Kruger e Rathner (1993) distinguiram a aprendizagem cultural humana da forma mais difundida de aprendizagem social, identificando três tipos básicos:

- a) aprendizagem por imitação: uma cópia direta, uma forma de imitação "verdadeira", envolvendo a internalização de estratégias comportamentais utilizadas pelo agente imitado;
- b) aprendizagem por instrução: destacada na teoria de Vygotsky sobre a internalização pelo aprendiz das instruções do instrutor e do uso posterior dessas instruções para auto-regular suas funções cognitivas;
- c) aprendizagem por colaboração: surgiria a partir da idade escolar, quando os sujeitos constroem em conjunto um conhecimento que nenhum deles possuía anteriormente.

Uma das referências desse aprendizado é a constituição de uma ordem simbólica de comunicação e de compartilhamento de sentidos diante do mundo, da vida na natureza e na sociedade. Isso ocorre através da importância da dimensão semiótica, quando Geertz (op.cit.) resgata uma concepção da sociologia compreensiva de Max Weber (1864-1920), enfatizando que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.

Nesse diapasão, é coerente denominar essas crianças de “selvagens”, pois, nos dicionários da língua portuguesa, o termo significa exatamente o fato descrito. O Houaiss (2001) atribui o adjetivo “selvagem” ao que nasce, cresce e vive sem cultura, sem cuidados especiais; ou então, desenvolve-se de forma indisciplinada ou sem controle, sem regras, sem orientação prévia. Pode também ser definido como ainda não ter sido domesticado.

Igualmente é dito, ocorrer predominantemente em populações silvestres ou em organismos mantidos em laboratório.

Em outras palavras, as crianças selvagens teceram teias de significado diferentes daquela rede simbólica da sociedade, não havendo um movimento de prisão em relação a sociedade em volta.

Para definir o termo “selvagem” foi necessário apropriar-se da idéia de um desenvolvimento da criatura humana fora dos limites do que se compreende como cultura. Isso implica pensar que para a aquisição da linguagem deve existir um sistema coletivo de significados, ao qual é dado esse nome cultura. Diante desses casos, ao ser pensado um sistema idiossincrático de comunicação, pode ser considerado como uma forma alternativa a este sistema dito “convencional”?

Na tentativa de construir formas puramente humanas de existir, é fundamental a apropriação de uma linguagem abstrata, caracterizada como passagem da condição natural para aquela cultural, o que se dá pela *paidagógia*, palavra grega que significa processo de condução das crianças (HOUAISS, op.cit.). É através dela que a cultura é (re) transmitida, não podendo esta existir sem educação ou educação sem cultura, porque os sujeitos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente.

Conforme já dito na introdução, estas crianças selvagens, incluindo as de Pernambuco, sofreram um processo de exclusão mais grave, que pode ser chamado de privação sociocultural, já que não lhes foi permitido interagir com outros seres humanos no espaço constituinte da cultura.

Em sociedade existe uma interação de significados comuns, entre eles o costume de que o homem para ser aceito, necessita seguir os paradigmas inscritos culturalmente e no desvio desses parâmetros existem reprovações ou punições. No caso das crianças selvagens, seria este o principal motivo da privação sociocultural, por conta deles serem diferentes? De

uma maneira geral, parecem existir distintos comportamentos do homem diante de uma condição de diferença: exclusão, receio, aversão, entre outras.

Segundo Crochik (1997), a diferença é inerente ao conceito de deficiência e traz em si mesma a possibilidade do preconceito. No entanto se a diferença fosse compreendida como parte da essência humana, muitas crianças não teriam sido estigmatizadas.

Goffman (1975) define como estigmatizado o indivíduo que poderia ter sido recebido facilmente por uma sociedade, se não possuísse alguma característica que fosse “marcante” para uma determinada comunidade. Dessa forma, isso afasta os indivíduos igualmente “marcados”, fechando a possibilidade de reconhecimento de “outras” habilidades para este mesmo indivíduo.

Pensando nesse fechamento de possibilidades, Lévi-Strauss (1982), em seu livro “As estruturas elementares do parentesco” (1949), dedica um capítulo para falar da relação entre Natureza e Cultura, afirmando a idéia de que a grande maioria das “crianças selvagens”, apresentava uma anormalidade congênita, e essa seria a causa inicial de seu abandono e não o resultado do mesmo.

Isso implica uma dúvida sempre discutida por médicos e comunidade científica e de leigos. O motivo do abandono dessas crianças parece não ser provado, ficando sempre a seguinte questão: as supostas limitações intelectuais são a causa ou a consequência da privação sociocultural? Em quase todos os casos de abandono ou privação, a sociedade compartilha da mesma opinião: essas crianças sempre tiveram algum tipo de retardo ou deficiência e por isso foram objeto da privação. Pode-se encontrar como exemplo clássico dessa querela, o já citado caso de Victor de Aveyron, onde ao ser capturado e enviado para o Instituto dos Surdos-Mudos em Paris, no século XIX, quando foi avaliado pelo médico Philippe Pinel (1745-1826).

Este alienista concluiu que o garoto de Aveyron teria sido abandonado por conta do quadro de idiotia, não havendo esperanças alguma na possibilidade de educá-lo. Jean-Marc-Gaspard Itard (1775-1838) médico, orientando de Pinel, presenciou toda a avaliação e relatório do grande professor, mas discordou dele. Após uma nova avaliação, Itard defendeu com convicção a proposta de ser possível educar a criança, cujo estranho estado que se encontrava era consequência da privação do contato social (MALSON, 1983).

Pensado nisso, refletimos sobre a história da humanidade, onde podemos evidenciar histórias nas quais uma limitação engendrava a exclusão, como por exemplo, na cultura da Grécia Antiga, onde crianças identificadas como deficientes mentais ou físicas eram facilmente abandonadas a esmo. Pessoti (1984) chega a afirmar que entre os espartanos, como ilustração, crianças portadoras de algum tipo de deficiência passavam a ser consideradas subumanas, e por isso era legítima a sua eliminação ou abandono.

Em um caso ocorrido no ano de 1970, nos subúrbios de Los Angeles, um diagnóstico “equivocado”, somado à ignorância humana, permitiram que uma menina aos catorze meses de idade permanecesse presa, amarrada a uma cadeira pelo seu próprio pai, sem poder mexer braços e pernas, tendo assim permanecido até os treze anos de idade. Ela foi diagnosticada erroneamente como retardada por um médico durante uma febre muito forte, nessa idade (NEWTON, 2002).

Em outro caso, ocorrido na Índia, uma mulher foi resgatada com 43 anos de idade. Ela se chamava Annapurna Sahu, e ficou confinada durante 25 anos. Quando libertada, o seu irmão relatou que seu comportamento selvagem afastaria todas as mulheres interessadas em se casar com ele, decidindo assim, confiná-la, alegando que ela sofria de problemas mentais, mas quando a senhora chegou ao hospital, nada foi provado a respeito da sua deficiência (FERAL CHILDREN, s/d).

Esses dois casos supracitados parecem destituir o questionamento de Lévi-Strauss, e diferentemente, estão de acordo com o pensamento do médico Itard, onde fica evidente que esses indivíduos podem ter sido facilmente estigmatizados na tentativa de justificar a sua privação sociocultural.

Essa estigmatização pode ter ocorrido pela incapacidade social de convivência com a diferença. Um determinado fato ou fenômeno pode ser considerado normal para um específico tipo de sociedade, ou anormal para outra, o que está próximo da idéia de que é a organização sociocultural quem dita as regras através de uma norma estatística ou de uma norma ideal (MIRANDA-SÁ, 2001).

Trata-se de um incessante confronto argumentativo entre o que é normal e o que não é. George Canguilhem, em seu livro “O normal e o patológico” (1966) comenta que este normal só existe porque há o seu oposto, a doença, que isola os homens sãos, e por sua vez, os aproxima dos doentes. Significa uma atividade interrompida, que só existe porque admitimos uma norma social (CANGUILHEM, 1995).

Tais julgamentos sobre o que é normal e patológico, muitas vezes podem estar equivocados, pois costumam desprezar as peculiaridades das histórias de vida, únicas para cada sujeito. Estes ficam alienados a uma média culturalmente imposta pela sociedade coabitada. Em outras palavras, para ser considerado normal é condição *sine qua non* corresponder às expectativas formadas por um grupo social específico.

Na nossa cultura, a deficiência é conceituada pela Associação Americana de Deficiência Mental (AAMR) onde afirma que retardo diz respeito ao funcionamento intelectual, que seria inferior à média estatística das pessoas e principalmente, em relação à dificuldade de adaptação ao entorno. Alguns médicos diagnosticam esta deficiência através de perguntas constantes em testes padrões como o aferidor do Quociente Intelectual, também

chamado de Q.I. (coeficiente de inteligência), geralmente não sendo contextualizado com a história de vida desse sujeito. Ballonne (2001, p.1) afirma que se está acostumado a

pensar na deficiência mental como uma condição em si mesma, um estado patológico bem definido, entretanto, na grande maioria das vezes a deficiência mental é uma condição mental relativa. A deficiência será sempre relativa em relação aos demais indivíduos de uma mesma cultura.

Os critérios da Classificação Internacional das Doenças (10^a versão de 1992), da Organização Mundial da Saúde, definem o Retardo Mental como uma parada do desenvolvimento ou ainda, o desenvolvimento incompleto do funcionamento intelectual, caracterizados essencialmente por um comprometimento, durante o período de desenvolvimento, das faculdades que determinam o nível global de inteligência, isto é, das funções cognitivas, de linguagem, da motricidade e do comportamento social.

Pensamos ser pertinente, abordar nesse capítulo, questões de deficiência pois concordamos com Silva e Dessen (2001), quando afirmam que a deficiência mental pode ser constituída pelo contexto social onde a pessoa vive, ou seja, fatores socioculturais, o que engloba não apenas as características psicossociais dos antecessores, mas as peculiaridades da respectiva configuração sociocultural têm influência.

Nesse sentido, acreditamos que a linguagem apresenta fundamental importância na vida dos indivíduos, e quem não se apresenta através de uma linguagem verbal e lógica em uma determinada sociedade corre o risco de ser excluído da mesma. Para exemplificar essa importância, voltamos a discutir em um pequeno parágrafo, as causas da privação sociocultural das crianças selvagens de Pernambuco pois essas causas parecem estar abraçadas com a linguagem. Para ter a dimensão desse fato, tentaremos responder a seguinte questão: o comprometimento da linguagem foi causa ou consequência da privação sociocultural? No caso dos meninos de Pernambuco, que resposta elaborar? Eles foram excluídos da sociedade porque a deficiência mental foi a causa — como acreditava Lévi-

Strauss? —; ou então, esse “quadro clínico” pode ser consequência da falta de interação com outros seres humanos, conforme pensam Silva e Dessen? (op.cit.).

A cultura é um elemento de fundamental importância para que o homem abandone o seu estado natural, essa passagem é dada pela aquisição da linguagem, que será nessa dissertação, o assunto abordado no próximo capítulo.

2. AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A aquisição e o desenvolvimento das crianças sempre foi um assunto polêmico, e como todo fato dessa natureza sempre foi alvo de debate. Heródoto, narra que o rei Psamético do Egito, no século VII a.C, determinou o confinamento de duas crianças desde o nascimento até a idade de dois anos, sem qualquer convívio com outras pessoas, para que se observasse como falariam, se falariam ou ainda que língua falariam no contexto de privação sociocultural. Além da crueldade envolvendo o episódio, é preciso notar que a hipótese sustentada pelo rei era que, se essas crianças crescessem sem exposição à fala humana e viessem a falar, a primeira palavra emitida espontaneamente pertenceria à língua mais antiga do mundo. Passados dois anos de total isolamento as crianças emitiram uma seqüência fônica que teria sido interpretada como “bekos”, palavra do frígio, língua indo-européia desaparecida, do grupo anatólico, que era falada pelos frígios. Concluiu-se, então, que a língua dos frígios era a língua mais antiga do mundo. (MUSSALIM; BENTES, 2001.)

Vários estudos sobre a linguagem foram realizados em todo mundo e por diferentes pesquisadores, com isto, inúmeras teorias, hoje entendidas como equivocadas foram sustentadas durante algum tempo. Pode-se falar dos pesquisadores que contribuíram para o esclarecimento das questões referentes à linguagem, entre eles pode ser citado, segundo Mussalim e Bentes (op.cit.):

- β Skinner (1957), psicólogo, behaviorista, que defendeu que a aprendizagem da linguagem teria o seu início através do fator de exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como estímulo-resposta e reforço;
- β Noam Chomsky (1959) defendeu a teoria de que a linguagem é inata para o ser humano, sendo adquirida como resultado de um sistema inato, inscrito na mente exclusivamente humana;

- β Jean Piaget (1979) acreditava, contrariando o modelo dos inatistas, que a aquisição da linguagem, é vista com resultado da interação entre o meio ambiente e o sujeito, através de assimilações e acomodações, responsáveis pelo desenvolvimento da inteligência;
- β Vygotsky (1984) defendeu a idéia de que o instrumento da linguagem é trazido pelo que chama um processo de internalização, como uma reconstrução interna de uma operação externa, mas discorda de Piaget, ao afirmar que para haver a internalização de uma operação deve concorrer à atividade medida pelo outro.

Continuando com Vygotsky (1996), em seu livro “A Formação Social da Mente” (1996) onde ele correlaciona a psicologia com estruturas socioculturais, são discutidos aspectos na história de vida responsáveis pelo desenvolvimento de aspectos tipicamente humanos.

Nesta obra vygotskyana são elaboradas duas importantes reflexões para a realização da presente dissertação. A primeira consiste em entender o significado da relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social, destacando a necessidade do respectivo suporte material; a segunda, tenta compreender a natureza das relações entre o desenvolvimento da linguagem como uma passagem do estado de comunicação instrumental para um mais abstrato, caracterizando-se nas interações simbólicas com este meio social (VYGOTSKY, 1996).

Se para Vygotsky (1991), o homem necessita de uma interação social para o desenvolvimento da linguagem, podemos afirmar que essa limitação da comunicação, nessas crianças selvagens, foi gerada ou agravada pela falta de um sistema simbólico que é fornecido através da cultura, e é considerado de fundamental importância para a aquisição da mesma.

Pensando nessa necessidade do suporte material e nas interações simbólicas com o meio social, para a aquisição das características distintivas do homem em relação aos outros primatas, destacando-se, evidentemente, a linguagem, o que dizer sobre as crianças de Pernambuco? Para responder esse questionamento, a pragmática, aqui, nos permite estudar o comportamento da comunicação, envolvendo concomitantes não-verbais e a linguagem do corpo, denominada também de linguagem gestual, tão relevantes quanto as palavras, suas configurações e significados, que consistem os dados da sintaxe e da semântica (WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, 2004).

Ao ser colhida à história singular das crianças, a autora desta dissertação se preocupa em transcrever a comunicação das mesmas e para isso ela “salva” qualquer possibilidade de comunicação seja cinésica - a ciência que trata dos aspectos comunicativos do comportamento aprendido estruturado no corpo em movimento, assim a definindo Rector e Trinta (1985) – ou não. É também incluída uma tentativa de análise da intenção da comunicação através das emissões verbais, que são aquelas que envolvem pelo menos 75% dos fonemas da língua; e as emissões vocais definidas como todas as outras (FERNANDES, 2000).

O primeiro autor, a escrever em língua portuguesa, sobre os gestos, foi o filósofo J. Leite de Vasconcellos. Nos seus “Opúsculos” (1939), ocupava-se da “linguagem dos gestos”, afirmando serem estes não somente capazes de dar maior vivacidade à fala senão também substituí-la como meio de comunicação social. A gestualidade serve à ênfase, constituindo o contexto perceptível da enunciação. Em certos casos, ele significa mais do que palavras (VASCONCELLOS *apud* RECTOR & TRINTA, 1986).

Segundo Merleau-Ponty, (1994, p. 251)

o sentido do gesto não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador. Toda dificuldade é conceber bem esse ato e não confundi-lo com uma

operação de conhecimento. Obtém-se a comunicação ou a compreensão do gesto pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro.

Para fazer essa análise é importante entender nesse contexto a função do gesto, é fundamental compreendê-lo não como um ato reflexo, mas como uma partícula de cultura (GEERTZ, op.cit). Além disso, ele pode ser definido como uma expressão do pensamento por meio de movimentos visíveis, mas não audíveis, dando a essa expressão um lugar entre a fala e a escrita (RECTOR; TRINTA, 1985).

Nesse aspecto, os homens para se comunicarem de uma forma convencional, utilizam os órgãos vocais, mas também conversam com o corpo inteiro, por isso é necessária a consideração dos gestos, da postura, do espaço entre indivíduos e as expressões faciais para uma compreensão dessa totalidade da comunicação. Outros autores como Wundt (1973) chegam a afirmar que a comunicação gestual é um espelho fidedigno do ser humano na totalidade de suas aquisições psíquicas. Isso também permite pensar quanto de não-verbal e não-percebido está presente nos gestos enquanto os homens se comunicam verbalmente.

Assim, será almejada uma visão interdisciplinar da expressão, da comunicação, a “salvar o dito” através de uma leitura analítica e interpretativa não só dos gestos, mas também das vocalizações e poucas e incipientes verbalizações das crianças selvagens, que em sua totalidade e em um determinado contexto expressam algo do ser “falante”. Nessa perspectiva a teoria pragmática parece ser a que melhor se enquadra, pois, ela propõe a inclusão dos elementos do contexto, lingüístico ou não, estimulando assim, o valor social da linguagem. (FERNANDES, 1996). Junto a isso, será indispensável recorrer à memória daqueles que passaram a compartilhar com as crianças.

Falando ainda sobre a pragmática, podemos acrescentar as ações comportamentais pessoais, as pistas das comunicações inerentes ao contexto em que ela ocorre. Igualmente,

através dessa perspectiva, todo o comportamento, não só a fala, é comunicação; e por sua vez, toda a comunicação afeta o comportamento (WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, 2004).

Para autores considerados pragmáticos não existe um “não comportamento”, ou seja, um indivíduo mesmo acinético, está se comunicando. Implica dizer que todo comportamento, inclusive o estado estático, tem valor de mensagem, isto é, atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, enfim tudo possui um valor de mensagem. É criada uma rede de influências entre vários sujeitos, que igualmente se não poderem responder a essa comunicação, estão também se comunicando (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, op.cit.) . Dessa forma, para esses autores o estudo da linguagem comporta contextos não verbais, sociais e ambientais (FERNANDES, op.cit.).

A importância da interação sujeito e ambiente é confirmada por vários autores, entre eles Vygotsky (2003), para quem o ser humano é um indivíduo geneticamente social e se constitui através de uma sociabilidade, estando de modo isolado, este ser não pode estar completo. Por sua vez, Patto (1993) afirma que a base dos problemas de aprendizagem está, na maioria das vezes, localizado na família e no ambiente em que a criança se encontra. Para Rubinstein (1999), a aprendizagem é o processo através do qual o sujeito interage com o meio e incorpora as informações oferecidas por este, de acordo com suas necessidades e interesses.

Halliday *apud* Fernandes (1996), acredita que a criança elabora inicialmente a sua própria linguagem e posteriormente a língua materna através do mundo sociocultural, dessa forma, pode ser compreendido por esse autor que a linguagem é construída no meio social, através desse pensamento Fernandes (1996) define linguagem como qualquer produção seja som ou gesto que em um contexto funcional que possibilite uma interpretação de uma forma consistente e regular.

Ao nos apropriarmos desses pensamentos tentaremos nos próximos capítulos “salvar” a construção da linguagem de João e Pedro considerando todos os elementos, como gestos, as vocalizações e as verbalizações que apresentem um sentido sistemático dentro de um contexto sociocultural.

3. MATERIAL E MÉTODO

A presente dissertação é um estudo de caso que envolve uma abordagem retrospectiva e histórica, e uma abordagem prospectiva e analítica. São utilizados, simultaneamente, recursos qualitativos e quantitativos.

Segundo Triviños (1987, p.133),

estudo de caso é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente (...) O importante é lembrar que (...) nem as hipóteses, nem os esquemas de inquirição estão aprioristicamente estabelecidos, a complexidade do exame aumenta à medida que se aprofunda o assunto.

Portanto, a natureza exploratória do estudo de caso deve começar exatamente pela descrição do mesmo.

3.1 Descrição do caso

Trata-se da história de duas crianças que foram vítimas de privação sociocultural no Sertão do Estado de Pernambuco e descobertas no ano de 1994, por uma empregada doméstica que passava semanalmente em frente a um curral de porcos, onde ficavam. Ela começou a ter preocupações com os dois “gorilinhas”, levando comida para os mesmos, sendo referido por ela que eles viviam na lama, mordiam e comiam as frutas com casca.

A notícia chegou até ao fórum municipal, quando uma autoridade pública foi verificar o “conto”, vindo a ficar deprimido com o que viu. Era a imagem de duas crianças nuas, famintas, com um formato “mais de animal do que de gente”, segundo o futuro tutor, o que não saía da cabeça deste.

O delegado da polícia tomou conhecimento da existência dessas crianças mantidas em cativeiro na cidade. Logo em seguida, foi ao local na companhia desta primeira

autoridade, e ao constatarem o fato, relataram-no ao Ministério Público, que deteve os responsáveis, o pai e a madrasta.

Segundo o processo público (Anexo n.1), as duas crianças foram encontradas no dia 06 de setembro de 1994, nas seguintes condições: a) inteiramente despidas; b) em estado miserável; c) trancadas em um curral de varas; d) desnutridas e famintas. Neste ano, o mais velho, de pseudônimo Pedro, então com quatorze anos de idade pesava treze quilos, e o mais novo, na época, com oito anos de idade, pesava onze quilos e a ele foi dado o nome de João.

Toda a cidade parou para ver essas crianças, fazendo comentários e tirando as suas próprias conclusões, porém o interesse não foi suficiente para que as pessoas quisessem assumir o papel de cuidadoras. O delegado da cidade ficou sem saber o que fazer, pois nenhuma instituição as aceitava. A autoridade denunciante estando sensibilizada com o caso, e assumiu a tutela das crianças.

3.2 Campo

O estudo foi desenvolvido na cidade natal das crianças, distante a mais de 500 quilômetros de Recife, localizada no Sertão do estado de Pernambuco. O acesso é pela BR-232 (via Caruaru), vindo o município a possuir uma população residente superior a 50 mil habitantes (DATASUS, 2004).

Importante frisar o interesse do tutor das crianças no anonimato do caso, em função de evitar sensacionalismo ou a corrida de outras pesquisas. Então, “as crianças de Pernambuco” passaram a morar numa casa, comprada especialmente para elas, pelo respectivo senhor, e cujo endereço é desconhecido, inclusive, entre os moradores da cidade.

Os locais onde ocorreram as “aplicações dos instrumentos” a João, Pedro e outros, foram três tipos de espaço. Entre 2002 e 2004, no espaço da sede da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), onde as crianças permaneciam o turno da manhã. O

segundo espaço foi a residência das crianças, cuja pesquisa transcorreu em 2005. E por fim, como terceiro espaço, as residências do tutor, do pai e das vizinhas.

3.3 Sujeitos

Os principais sujeitos da pesquisa são as duas “crianças de Pernambuco” que receberam pseudônimos com a finalidade de preservar suas identidades, sendo o mais velho nomeado Pedro e o mais novo, João.

Figura 1 – Pedro ao ser retirado do cativeiro em 1994.



Figura 2 – João ao ser retirado do cativeiro em 1994.



O caçula, contando atualmente com dezoito anos de idade, após a morte da mãe foi privado do convívio sociocultural, sendo mantido em cativeiro num cercado de varas no quintal de sua casa. Apresenta-se mais comunicativo e ativo do que seu irmão mais velho. Este último, atualmente conta com vinte e quatro anos de idade, e apresenta um comportamento de isolamento social, de mutismo, de apraxia, movimentos estereotipados para frente e para trás, lentidão psicomotora, inclusive no processo de mastigação e de deglutição.

Os outros participantes da pesquisa também tiveram a suas identidades preservadas, sendo estes, o tutor e a tutora, duas vizinhas - uma que conviveu antes e outra posteriormente ao confinamento - uma secretária do casal, o pai biológico das crianças, a governanta, uma professora e a diretora da APAE. Tentamos algumas vezes entrevistar a madrastra das crianças, mas ela recusou todos os nossos convites. A irmã mais velha concordou em ser entrevistada, porém não teve oportunidade de assinar o termo de consentimento, não tendo assim, por critérios éticos, o conteúdo da sua entrevista divulgado.

3.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: história de vida, entrevistas espontâneas e análise videográfica.

3.4.1 História de vida

A história de vida é um instrumento de pesquisa que privilegia as informações contidas na vida pessoal de um com vários informantes (CHIZZOTTI, 1998).

A história de vida de João e Pedro foi dividida em três períodos: no primeiro, aquele vivido antes do cativo; no segundo, aquele da descoberta do caso; e, no terceiro e último período, o do processo de ressocialização.

Este instrumento foi aplicado a dois grupos. O primeiro grupo foi composto por sujeitos de convívio anterior, sendo eles uma vizinha e o pai, o único representante da família que concordou ser entrevistado, a partir do seguinte roteiro de entrevista:

- a) Por que essas crianças foram retiradas de casa?
- b) Como foi essa retirada? Quem decidiu fazer isso? Por quê?
- c) Quanto tempo elas ficaram lá?
- d) Como viviam? Como se alimentavam? Quem os alimentava? Como sobreviveram?
- e) Como viviam antes? Como se alimentavam antes? Quem os alimentava antes?
- f) Como eles fazem para se comunicar hoje? Como faziam para se comunicar antes?
- g) O que vocês viam? O que vocês pensam disso?
- h) O que vocês pensam dos vizinhos ou dos pais?

O segundo grupo entrevistado foi composto pelos sujeitos do convívio do período de ressocialização, sendo eles o tutor, a tutora, a secretária (primeira pessoa que cuidou dos meninos), a governanta, o marido da governanta, as professoras e diretora da APAE. O objetivo era descrever o comportamento e registrar as mudanças ocorridas no período do resgate aos tempos de conclusão do trabalho de campo.

Como roteiro de entrevista para essa segunda etapa de informações, temos:

- 1) Como foi o primeiro banho?
- 2) Como foi a sua primeira alimentação?
- 3) Como reagiu a primeira vez que teve contato com outros seres humanos?
- 4) Quais as mudanças de comportamento sofridas durante o ano de 1994 até 2005?

- Maneira de andar? Maneira de se sentar? Maneira de dormir? Maneira de se alimentar? Maneira de fazer as necessidades fisiológicas? Práticas relacionadas à sexualidade.
- Principalmente: Como eles se comunicavam antes?
- Como eles se comunicam hoje?

3.4.2 Entrevistas espontâneas

Essas entrevistas se caracterizam pelo registro em gravador ou em vídeo dos sujeitos que interagem com a criança. Principalmente significa um auxílio para a pesquisadora na tradução dos significados de certas formas de comunicação agramatical.

3.4.3 Análise videográfica

A pesquisadora não permaneceu no campo por todo o tempo. Ela observou e registrou o comportamento no meio ambiente sociocultural da criança (casa e APAE), através de registro em vídeo. Foram captadas atividades compartilhadas de jogos, de ordens, de brincadeiras, entre outros. Os vídeos foram filmados pela psicóloga Alessandra Navaes Turton, mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, e pela autora da presente dissertação, que são as únicas pessoas autorizadas para interagir cientificamente com João e Pedro. Alessandra, ainda nesse trabalho atua como colaboradora coletando todo o material utilizado na pesquisa, seja vídeo, entrevistas, jogos, entre outros.

No decorrer da aplicação do instrumento foram registrados diversos tipos de atos comunicativos das crianças. Este conceito se fundamenta em Fernandes (2000) e se relaciona com uma abordagem pragmática da linguagem, aquela que melhor permitiu uma análise do impacto da ressocialização no desenvolvimento lingüístico de Pedro e João. Outras teorias

foram lidas, mas pela dificuldade de se estabelecer uma interação social com Pedro, e por muitas vezes ele não colaborar com os testes mencionadas nas outras teorias, achamos a de Fernandes mais conveniente por não depender da interação de Pedro com a pesquisadora.

Os atos comunicativos iniciam-se quando existe interação: adulto-criança, criança-adulto ou criança-objeto e terminam quando a criança muda o foco de atenção. Por sua vez, os meios comunicativos são divididos em gestuais (G) — os que envolvem movimentos do corpo e do rosto—; em verbais (VE) — os que envolvem pelo menos 75% de fonemas da língua —; e os vocais (VO) — todas as outras emissões. Por fim, ainda segundo Fernandes (op.cit.) as funções comunicativas podem apresentar-se nas seguintes formas:

- a) Pedido de objeto (PO): atos ou emissões usados para solicitar um objeto concreto que se deseja;
- b) Pedido de ação (PA): atos ou emissões usados para pedir ao outro que execute uma ação;
- c) Pedido de rotina social (PS): é um tipo específico de pedido de ação que envolve uma interação;
- d) Pedido de consentimento (PG): atos ou emissões usados para solicitar o consentimento do outro para a realização de uma determinada ação;
- e) Pedido de informação (PI): atos ou emissões usados para pedir uma informação;
- f) Protesto (PR): atos ou emissões usados para interromper uma ação indesejada;
- g) Reconhecimento do outro (RO): atos ou emissões usados para obter a atenção do outro e para indicar o reconhecimento de sua presença;
- h) Exibição (E): atos usados para atrair a atenção para si;
- i) Comentário (C): atos ou emissões usados para dirigir a atenção do outro para um objeto ou evento;
- j) Auto-regulatório (AR): emissões usadas para controlar verbalmente sua própria ação;

- k) Nomeação (N): atos ou emissões usados para focalizar sua própria atenção em um objeto ou evento por meio da identificação do referente;
- l) Performativo (PE): atos ou emissões usados em esquema de ação familiares aplicados a objetos;
- m) Exclamativo (EX): atos ou emissões que expressem reação emocional a um evento ou situação;
- n) Reativos (RE): emissões produzidas enquanto a pessoa examina ou interage com um objeto ou com parte do corpo;
- o) Não-focalizada (NF): emissões produzidas, embora o sujeito não esteja focalizando sua atenção em nenhum objeto ou pessoa;
- p) Jogos (J): atos envolvendo atividade organizada, mas autoconcentrada.
- q) Exploratória (XP): atos envolvendo atividades de investigação de um objeto particular ou de uma parte do corpo ou da vestimenta do outro;
- r) Narrativa (NA): emissões destinadas a relatar fatos reais ou imaginários;
- s) Expressão de protesto (EP): choro, manha, birra ou outra manifestação de protesto não necessariamente dirigida a objeto, evento ou pessoa;
- t) Jogo compartilhado (JC): atividade organizada e compartilhada entre adulto e criança.

Acreditamos que esse instrumento, que se revela pela pragmática, nos auxilia a contextualizar Pedro e João no mundo da linguagem, visto que, através dele (o instrumento) qualquer ato de Pedro e João pode ser traduzido e compreendido como comunicação.

Esse instrumento, na presente dissertação, nos auxilia a responder a seguinte questão: os atos comunicativos emitidos por João e Pedro se caracterizam mais como sons verbais, sons vocais ou gestos? No caso dos gestos, abrimos um precedente para outras perguntas: que tipo de movimento gestual? Está ou não está associado a um determinado

som? Esses gestos, sons verbais e sons vocais estão vinculados a alguma intenção: pedir, mandar, brigar, exhibir-se, alimentar-se, entre outros?

Para facilitar esse trabalho utilizamos os dois quadros de Fernandes (op.cit.), o primeiro (Anexo n.2), intitulado: “Pragmática - protocolo para transcrição de fita”, que nos ajudou a transcrever as formas das funções comunicativas e o segundo (Anexo n.3), de nome “Pragmática - ficha – síntese”, que também nos auxiliou na contagem dessas funções as quais foram transformadas em gráficos com as porcentagens.

3.5 Recursos Audiovisuais

As entrevistas foram registradas em áudio, através do gravador Panasonic e fita cassete. A observação, através de registro em vídeo, com filmadora digital da marca Sony, modelo DCR-PC 110NTSC, *Intelligent Flash*, fita mini Dv de 90 minutos. As fotos foram tiradas pela máquina de marca digital Canon, modelo Power Shot SD 200.

Para responder a essas questões escolheu-se um modelo de análise dos aspectos funcionais da comunicação, baseado em Fernandes (op.cit.). Nesta análise se consideram os aspectos lingüísticos e não lingüísticos da comunicação, assim como todas tentativas de meios comunicativos.

Esse teste foi avaliado através de gravações em vídeo em um seguimento de vinte e cinco minutos, onde o avaliado encontrava-se no contexto da sua vida cotidiana, e os vídeos foram interferidos pela pesquisadora através de ordens, de jogos, e de brincadeiras etc.

Houve a gravação de três vídeos digitais com tempo de 25 minutos, sendo distribuídos nos seguintes anos: 2002, 2004 e 2005. No primeiro e segundo anos, esta gravação ocorreu na sede da APAE, e no terceiro ano, em casa própria comprada pelo tutor.

3.6 Aspectos éticos

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE), de acordo com Protocolo de pesquisa nº 071/2005-CEP/CCS (Anexo n.4).

4. HISTÓRIA DA PRIVAÇÃO SOCIOCULTURAL DE JOÃO E PEDRO

4.1 Primeiro período: antes do cativoiro

O pai das crianças ao ficar viúvo, casou-se novamente, ao final dos anos oitenta, continuando a trabalhar como motorista de uma fábrica de bebidas, e estando ausente a maior parte do tempo, em viagens pelo interior da região. A madrasta, com quem Pedro e João permaneciam a maior parte do tempo, os deixava no curral de varas, durante o dia e noite. Segundo o depoimento dos vizinhos, João tinha menos de um ano de idade e Pedro, aproximadamente sete anos, quando foram privados de uma condição sociocultural. O pai biológico afirma que as crianças brincavam o dia todo no curral e à noite eram colocadas para dentro de casa. Os vizinhos dizem o contrário: as crianças permaneciam dia e noite, sob a omissão paterna.

Figura 1 – Curral onde Pedro e João foram confinados.



Segundo a Tutora, era esta a alegação da madrasta:

Não, eles não são gente não, são bicho (**Tutora referindo-se a observação da madrasta**).

Essa percepção parecia justificar a atitude, pois o lugar de “bichos” é no curral. Eles moravam numa viela na periferia da cidade, de clima extremamente seco, estando o cercado localizado na parte posterior do casebre, sem saneamento básico, medindo cerca de quatro por cinco metros, mostrando-se invisível para quem passasse, quando passasse... É um olhar também alimentado pela comunidade, pois ainda de acordo com a entrevistada, ocorreram

mil historias que eles andavam feito bicho. Não, eles andavam... assim, era um pouco corcunda, realmente ele, principalmente Pedro. Hoje ele (João) já melhorou um bocado, mas era assim (ela fez a posição de um primata). Agora o outro (Pedro) tinha um... assim um aspecto muito...(Tutora).

Neste fragmento de narrativa, a tutora confirma o aspecto de símio de ambas as crianças. Trata-se de um tema que também está presente na narrativa da mesma, ao abordar as reações dessa comunidade.

Só que o povo dizia é um macaco e não sei o que... Só que... realmente não era aquilo. O pessoal ia olhar pensando que era um macaco... Os meninos, aí chega olha e dizia... mas aí era aquele negócio... Menino! Quando a gente inventava de sair na rua com esses meninos, chovia de gente nesse carro pra olhar, todo mundo achando que era um... mas ainda tem gente que chama os “bichim” de (nome do tutor)... Os bichos doidos de ... (novamente o nome do tutor) (Tutora)

Podemos observar, através desses relatos das entrevistas, que a sociedade local isolou Pedro e João, limitando-os, afastando-os dos homens e os aproximando dos animais. Quais os sinais diacríticos que justificam a representação de serem “bichos” pela comunidade? Um dos primeiros a serem pensados é formado pelo conjunto das características físicas, a diferir do que a sociedade aponta como normal.

Pedro, assim como João, apresentava uma cabeça pequena, olhos com maior distância lateral um do outro, um crescimento mandibular a se caracterizar como prognatismo,

mãos continuamente com as palmas voltadas para trás, postura corcunda e marcha parcialmente equilibrada.

O tamanho da porção cefálica pode ser indicação de uma microcefalia, referida por Diamant (1996) como uma cabeça anormalmente pequena, apresentando redução de volume, a ter causa genética ou adquirida. Existe uma determinação hereditária ligada a um gene recessivo, observando-se a incidência de consangüinidade em 10% dos casos. A evolução neuropsicomotora é lenta; o comprometimento intelectual é severo em quase todos os casos, sendo variável o grau de deficiência mental. O comportamento costuma ser anormal, evidenciando-se crianças irritadas, inquietas e destruidoras ou, então, plácidas.

Por falta de um diagnóstico médico, o que não se pode afirmar é que as mudanças físicas sofridas por essas crianças foram decorrentes do meio em que elas viviam. No entanto, através de entrevistas podemos compreender um pouco do seu comportamento anterior e fazer uma comparação com o comportamento recente, bem como descrever o tempo zero da sua ressocialização.

Iniciaremos com as entrevistas que resgatam a historia de vida dos meninos, quando eles conviviam com a mãe. Uma vizinha narra a existência de Pedro e João antes do período do seu confinamento. Tratava-se de uma vida que era

boa. Eles eram bem zeladinhos. Cuidavam deles muito bem. Eles tinham tudo. O pai deles trabalhava (numa fábrica de bebidas) neste tempo (...) Ele trabalhava e vinha pra casa todo dia, ficar com a esposa e os filhos (**Primeira vizinha**).

Fica evidente na narrativa que estas crianças eram protegidas pela mãe, aceitas pelo pai, mas que ao ficarem órfãs, passaram a ser maltratadas. Ao entrevistarmos outra vizinha (que mora ao lado da casa do confinamento), ela diz:

A mulher (a madrasta) disse que eles ficam lá no curral porque não são gente não, são bicho, e lugar de bicho é no curral (**Segunda Vizinha**).

Pode ser entendido através dessa narrativa, que a madrasta das crianças, assim como os vizinhos e parte da comunidade, como já foi visto, acreditavam que eles eram animais, e isso parecia ter legitimado a perda dos direitos adquiridos ao longo do processo evolutivo da escala humana. Voltamos a perceber que a diferença ou comportamentos desviantes dos usuais, tendem a ser interpretados como pertencentes a um grau inferior. Atitude esta, que independe da classe social e que parece mostrar-se inerente à própria condição da cultura humana. A dimensão simbólica pode ter sido mais a causa do abandono de crianças excluídas de um contexto social, do que motivos “reais”, como já foram vistos em outros casos de indivíduos abandonados.

A denominação deficiência, no entanto, encontra-se historicamente localizada, como em um exemplo, na condição de surdez, cujo contexto da Grécia e Roma antigas tomava os portadores desprovidos da condição humana. Para estes povos, os “deficientes auditivos” — outra metáfora, contemporânea — não falavam, e como não ouviam, evidentemente não pensavam. Portanto, eram desprovidos de linguagem, e nesse contexto tais crianças poderiam ser facilmente estigmatizadas como criaturas selvagens. Aristóteles, pensador dessa mesma época, já afirmava que a linguagem é quem nos humaniza (PESSOTI, op. cit.).

No caso das crianças em estudo, podemos afirmar que a ocorrência da privação faz parte de um conjunto de atitudes da madrasta que revela violência doméstica. De acordo com a segunda vizinha, esta mulher chegou a “esconder” a sua gravidez e o próprio rebento da respectiva mãe de maneira que podemos considerar “selvagem”. Disse a vizinha

que ela teve o menino. A mãe não sabia. Ela jogou debaixo da cama, escondido debaixo da cama, e quando a mãe passou e viu o menino chorando, e foi olhar. era o menino e tava enrolado nos pano lá. Parece um povo bruto. (**Segunda vizinha**)

A madrasta que todos apontam como a autora desse crime, fez do seu próprio filho uma vítima da sua “brutalidade”, uma criança que fisicamente aparentava ser normal, foi jogada em baixo da cama, logo após o seu nascimento que ocorreu em casa (sic). Quando a avó dessa criança foi até à casa e ouviu um choro, ficou procurando, e quando olhou embaixo da cama, lá estava o seu neto, sendo beliscado por formigas do mato. A própria madrasta de João e Pedro havia cortado o cordão umbilical, deixando o recém nascido debaixo da cama, para que estas formigas comessem (sic).

Não se discute ser ou não ser real esta narrativa, deve ser considerada a relevância do imaginário, o que estimula vários receios dessa vizinha aproximar-se da madrasta, alegando entre outros motivos, a mesma e a irmã serem adeptas de magia negra.

Fazendo uma breve análise do comportamento da madrasta com o seu próprio filho, que era aceito pela sociedade como um “ser normal”, não se pode afirmar que João e também Pedro, tivessem sido privados por serem diferentes, vindo as limitações hoje percebidas em ambos, a serem consideradas a causa do seu abandono. Diante de outras hipóteses sugeridas, como a falta de humanidade da madrasta, essas limitações não poderiam também ser pensadas como consequência dessa privação?

4.2 Segundo período: o resgate e o início da convivência com os tutores

Pedro e João passaram aproximadamente sete anos em cativo e já estão convivendo com uma família e inseridos em uma sociedade há nove anos. Na memória da tutora estão registrados os primeiros momentos da ressocialização. Ela diz:

... Quando a gente chegou lá, que eu providenciei dormida pra eles e tudo, a gente queria levar pra dormir na cama e eles não queriam, eles só queriam ir para o escuro do muro, e sei que foi um sacrifício para a gente conseguir colocar eles na cama e dormir... (**Tutora**)

A necessidade primária de sono, da sede, da fome e do sexo, apresenta, no caso dos homens, formas que são construídas culturalmente. No caso dos meninos, eles não conheciam luz elétrica, cama, colchão, lençol, climatização. Somente era “familiar” o meio ambiente “do escuro do muro”. Ela continua:

...E às três horas da manhã, o tutor ouviu alguma coisa batendo, quando a gente... quando ele chegou na cozinha... o menino (que trabalhava na casa) tinha deixado um prato de sal na mesa, por conta do bode... Retalhar, esse negócio, salgar... Aí ele... tava, todos dois (João e Pedro). Já iam comendo... Não comeram porque o tutor chegou na hora, mas iam comer o sal, que era uma fome assim que eles tinham impressionante...E aí o tutor ficou louco: - O tutor chama a tutora e diz: providencia mais alguma coisa pra esses meninos!” Aí a gente deu outro lanche a eles, eles voltaram a dormir. O tutor disse: “Você dê comida as esses meninos, que é pra ver se a gente consegue matar a fome daqueles meninos”. Quando eu cheguei em casa, eles estavam assim... tinham comido tanto que tavam... **(Tutora)**

O estado de desnutrição em que eles se encontravam, reforça uma atitude caracterizada como desviante nos costumes da madrastra. Tanto João e Pedro pareciam apresentar um comportamento puramente instintivo, sem registro das normas que regulam os hábitos de alimentação entre os homens. Parecia não haver limites! Eles não faziam escolhas do que iriam comer. Continua a Tutora:

...Mas no outro dia de manhã foi uma sensação horrível quando eu entrei no quarto, eles tinham cocô por todo canto, os dois brigando, um arrancando a orelha do outro assim... (gesto pegando na orelha), o sangue descendo... **(Tutora)**

Os atos de excreção e de micção igualmente não estavam sob as regras culturais, desprovidos de sentimentos de vergonha e pudor. A esposa do tutor ainda fala:

... Não tinha jeito, caía no prato do outro assim, minha gente... era aquela... parecia dois leãozinhos..... E a gente acha que isso é verdade mesmo porque eles não comiam, não queriam comer com colher, e hoje eles já comem. E antes eles agarravam assim... era aquele negocio derramando tudo e apanhava do chão, se caísse um carçoço (grão) de arroz no chão, ele partia pra apanhar... **(Tutora)**

A tutora insiste na idéia de que os meninos não sabiam o significado de uma mesa, desconheciam talheres e pratos, brigavam por comida, e quando o alimento era posto na mesa, eles derrubavam e comiam no chão, utilizando apenas as duas mãos.

Através desses fragmentos de narrativas podemos compreender que o comportamento é aprendido, e que essas crianças quando foram inseridas em uma sociedade se comportavam de uma forma “natural”, destoantes dos padrões sociais. Percebemos que o comportamento no início da ressocialização era basicamente instintivo, vinculado à ordem da sobrevivência (HOEBEL E FROST: op.cit.).

Em outra entrevista com a tutora, ela afirmou que o seu primeiro encontro com João e Pedro ocorreu no Fórum, ficando marcado por uma briga dos dois, disputando um pacote de biscoito. A ressocialização dessas crianças foi bastante trabalhosa. Elas não apresentavam nenhuma compreensão dos sinais e símbolos da nossa cultura. Como compreender uma colher, qual a utilidade e porque tem que ser utilizada se é bem mais fácil e prático comer com a mão? Acreditamos que essas questões poderiam fazer parte da vida dessas crianças no início do convívio com outros seres humanos.

4.3 Impacto no comportamento geral decorrente da ressocialização de João

É conhecido que João ao ser retirado do cercado de varas onde passou aproximadamente sete anos da sua vida não falava nenhuma palavra, não fazia nenhum gesto, apenas emitia grunhidos. Entre 1994 a 2005, houve uma mudança bastante significativa no que se refere à linguagem. Espontaneamente, durante atividades lúdicas, foi observada a capacidade de execução de comandos simples e mais complexos, como tentativa preliminar de compreensão simbólica do mundo abstrato.

No ano de 2005, João está com dezoito anos de idade, interage com outros sujeitos, tendo uma articulação psicomotora mais desenvolvida. Nesse período de convivência

da pesquisadora com João, entre 2002 a 2005, foi registrado o seu comportamento, através de comandos dirigidos ao mesmo:

- 1) Foi solicitado a João que procurasse uma flor no jardim da sua casa, mas ele levou para a pesquisadora uma folha. A pesquisadora disse que estava errado, pois ela queria uma flor e ele procurou e encontrou a flor. É importante relatar que esse diálogo da pesquisadora foi oral, não fazendo uso de nenhum apoio gestual.
- 2) Ao colocar uma música de forró (música sempre escutada na região) observamos que João tenta acompanhar os ritmos musicais dançando e cantarolando na mesma melodia da música.
- 3) Entregou-se a João um carrinho de plástico, estilo “caçamba”, logo em seguida ele se dirigiu para um aglomerado de terra e fazendo o uso da pá colocou a terra em cima do carrinho.
- 4) Mostrou-se a João um relógio de plástico com algumas peças de encaixe, mas ele não foi capaz de compreender o relógio e também não conseguiu encaixar as peças adequadamente.
- 5) Em um dado momento da brincadeira, ele se virou para a pesquisadora e pediu água fazendo uso de um gesto acompanhado de uma tentativa de dizer a palavra: água.
- 6) Também foi entregue para João um telefone de plástico. Ele demonstrou perfeitamente como se fazia o uso do telefone, mas no momento de encaixar o fone no aparelho, ele ficava todo atrapalhado, parecendo não ter uma coordenação motora mais refinada. Essa falta de coordenação fica mais evidente quando João pega um brinquedo de encaixe maior.

Pensando como o antropólogo Gordon Hewer (*apud* Goldgrub, 2001) que defende a hipótese que a linguagem oral decorre da gestual, indagamos como foi a construção da linguagem de João.

De início, o gesto pode ser pensado como um instrumento de comunicação corporal, com finalidade, inclusive, de reconhecimento do próprio corpo. Quando em 2005, elaboramos um conjunto de perguntas a João sobre este reconhecimento, as respostas foram basicamente gestuais:

- 1) Pesquisadora: — João onde está a sua cabeça? João coloca a mão em cima da cabeça.
- 2) Pesquisadora: — Onde está o seu pé? João pega no pé.
- 3) Pesquisadora: — E os dentes? João coloca o dedo no dente.
- 4) Pesquisadora: — Agora eu quero saber onde fica os olhos? João pega em um olho.
- 5) Pesquisadora: — E a mão? João responde colocando a palma da mão na frente da pesquisadora
- 6) Pesquisadora: — O nariz? João aperta o próprio nariz.
- 7) Pesquisadora: — A língua? João mostra a língua.
- 8) Pesquisadora: — A orelha? João puxa a orelha.
- 9) Pesquisadora: — As axilas? Não houve resposta. Governanta: — O suvaco? João levanta o braço e mostra a axila.
- 10) Governanta: — E o muque? João flexiona o braço, contraindo o bíceps.
- 11) Governanta: — E cadê o juízo João? João coloca a mão na cabeça.
- 12) Pesquisadora: — Agora eu quero saber onde fica o coração? João bate no peito.

Outras modificações percebidas, entre 1994 e 2005, assim foram referidas, a partir de registro em vídeo. São elas:

- Maneira de andar.

Assim, se expressa a secretária. Ele andava

(...) encorcovado assim, que ele andava assim que nem... Ele era bem corcundo (...) que eles no começo era só batendo assim, andava batendo nas coisas assim (a entrevista faz movimentos de quem anda sem equilíbrio nenhum). Ai eu fui ajeitando eles, sabe? Ai com pouco eles já tavam bem... bem diferentes, eles já tavam (**A secretária - primeira senhora que cuidou das crianças**).

Observando-se o andar de João em 2005, isso ocorre com uma postura quase ereta, a marcha é rápida, os braços e as mãos encontram-se quase sempre flexionados para trás. Hoje ele consegue jogar até futebol.

- **Maneira de dormir.**

Em 2005, João foi observado pela autora da dissertação, ele dormindo na cama do seu quarto, sempre de lado, por quase toda a noite, quando a câmera filmava, todo coberto por um lençol, passando muito tempo nessa posição. Parecia um sono tranquilo.

- **Maneira de se alimentar.**

Segundo a secretária do casal, a primeira senhora que cuidou das crianças, eles

não tinha assim... o negocio deles só era comer coisa do chão(...) acho que o costume deles era comer coisa do chão mesmo... aí eles foram se acostumando eu dando comida a eles, direitinho e... (**A secretária**)

Através dessas palavras da entrevistada, percebe-se que João tinha o habito de comer no chão e com as mãos. Se antes havia essa forma, observamos que hoje João consegue segurar uma colher e comer. Também pode ser dito que João seria capaz de utilizar os talheres de uma forma correta, garfo e faca ao invés de colher, pois convive a maior parte do seu tempo com pessoas muito simples e que provavelmente não fazem uso padrão dos talheres.

Pode-se afirmar que João obteve uma melhora significativa ao longo desses onze anos pois, no início, como afirmou a tutora, João e seu irmão não comiam no prato nem muito menos faziam uso de algum talher.

- **Maneira de fazer as necessidades fisiológicas.**

Existem concordâncias nas narrativas da diretora e uma professora da APAE, e divergências na narrativa da governanta. Em 2005, diz a primeira:

Mas nesse período, quando eles chegaram na escola, eles cresceram muito, passaram a falar pelo convívio com os colegas, a andar ereto, a pedir para ir ao banheiro... A questão da alimentação, porque eles comiam com a mão... **Diretora da APAE).**

Segundo a professora,

João ia no banheiro sozinho, eu mandava R.S. (ajudante da APAE) ir para ver se ele fazia tudo direitinho, ele fazia xixi, lavava as mão e voltava. **(Professora da APAE, 2005).**

Contrariamente, diz a governanta:

Não eles não sabem usar o banheiro, fazem tudo ai no muro, e depois eu apanho e jogo fora **(governanta)**

O que podemos concluir através dessas entrevistas é que João compreende a utilização de um banheiro, mas só faz uso quando se encontra em um ambiente que exija determinada postura.

- **Práticas relacionadas à sexualidade.**

No que se refere à sexualidade de João, mais uma vez as entrevistadas narram fatos diferentes.

Tinha que o professor que estivesse na sala com eles tá muito atento. Não poderia descuidar nenhum minuto, porque ele... tinha uma almofada na sala, qualquer objeto, parede, qualquer objeto servia como esse instrumento sexual. Era um cuidado grande e nunca houve nenhum incidente (**Diretora da APAE**).

Para uma professora da APAE,

João tem a parte sexual muito aflorada, se esfregava na parede, beijava a boca dos meninos. Foi encontrado uma vez nu no banheiro da APAE com um menino em seu colo, mas não aconteceu nada porque uma professora chegou a tempo. (**Professora da APAE**).

Para a governante, ele

(...) é tarado não pode ver uma mulher, só quer pegar mulher(...) uma (...) uma vez o meu marido acordou e ele estava por trás do meu marido (...) (**Governanta**).

A falta de censura diante da sexualidade de João, segundo as narrativas, causou problemas, quando em 2004, na APAE, foi observado o momento em que ele se masturbava publicamente num colchão em uma das salas de aula da instituição.

Percebemos que na concepção dos organizadores da APAE, João não adquiriu os símbolos que permitiriam que ele fosse aceito em uma sociedade, pois o mesmo foi expulso até da APAE, no ano de 2004. A diretora alegou que *ele não tinha modos para conviver com as outras crianças deficientes* (Tutora).

4.4 Impacto no comportamento geral decorrente da ressocialização de Pedro

Com Pedro, devido a uma dificuldade grave de interação, não conseguimos aplicar os testes que fizemos com João. Fizemos uma observação e uma descrição da maneira de andar, de dormir, de se alimentar, enfim do seu comportamento natural na sua vida cotidiana.

Sabemos que Pedro, assim como João ao ser retirado do cercado de varas onde passou aproximadamente sete anos da sua vida, não falava nenhuma palavra, não fazia

nenhum gesto, apenas emitia grunhidos. No final de 2005, houve uma mudança significativa no processo de ressocialização de Pedro, pois, conseguimos fazer alguma interação com ele.

Pedro passou a aceitar a convivência com seres humanos, não mais se escondia quando chegávamos a sua casa. Permite, no final desse mesmo ano, algum tipo de toque, mas, diferentemente de João ele não fala e nem gesticula.

Algumas modificações podem ser percebidas, entre 1994 e 2005, assim foram referidas, a partir de registro em vídeo. São elas:

- **Maneira de andar.**

Podemos dizer que houve uma melhora na postura de Pedro, pois ele deixou de ser quadrúpede e passou a ser bípede. Ele não anda com uma postura esguia, mas obteve uma melhora no equilíbrio pois o mesmo não cai com tanta frequência, como caía em 1994, como refere a primeira secretária. Segundo a mulher,

eles no começo era só batendo assim, andava batendo nas coisas assim (a entrevista faz movimentos de quem anda sem equilíbrio nenhum). (**A secretária - primeira senhora que cuidou das crianças**).

- **Maneira de dormir.**

No ano de 2005, foi observado, através de um registro videográfico noturno que Pedro dorme no mesmo quarto que João. Durante o sono Pedro demonstra-se tranquilo, quase não se mexe e dorme enrolado por um lençol com a cabeça para fora. Quase sempre não acorda durante a noite.

- **Maneira de se alimentar.**

Em uma entrevista realizada com a secretária ela nos relatou que Pedro comia como um selvagem, parecia sempre ter muita fome e colocava todo alimento de uma só vez na boca. Ele não se sentava a mesa para fazer as refeições, e quando a comida era posta ele a “atacava”, derrubava no chão e comia com a mão.

Atualmente Pedro come na mesa, com uma colher, alimenta-se de uma forma muito lenta e apresenta um quadro de disfagia, ou seja, uma dificuldade de deglutição da fase oral, que se caracteriza como uma lentidão, atrasando assim o reflexo da deglutição.

- **Maneira de fazer as necessidades fisiológicas.**

Pedro até o ano de 2005, não faz o uso da privada, assim relata a governanta:

não eles não sabem usar o banheiro, Pedro faz na roupa (**governanta**).

- **Práticas relacionadas à sexualidade.**

No que se refere à sexualidade, a Governanta relata que Pedro não manifesta o seu desejo por ninguém, mas fica sempre se esfregando nos objetos, chegando muitas vezes a ferir os órgãos genitais.

4.5 Síntese da história de Pedro e João contada através dos depoimentos

Transcrevendo e analisando o depoimento de algumas vizinhas foi concluído que durante aproximadamente sete anos, ambas as crianças foram privadas da comunicação humana, comendo aquilo que os vizinhos, em passagem, jogavam pela cerca do quintal. As

unhas tinham uma aparência de nunca terem sido cortadas, a pele era bronzeada e bastante grossa, não falavam, andavam com pés e mãos, a audição parecia estar preservada, o olhar era vago, coçavam a cabeça e o corpo como animais e assim se adaptaram ao meio ambiente em que viviam.

No ano de 2003, o tutor relatou para a autora da dissertação, ter tido uma das experiências que mais marcou a sua vida e a da sua família. As crianças eram mudas, emitiam apenas grunhidos; tinham reações “estranhas”, como, por exemplo, fazer sempre o movimento de balançar o corpo, como um animal, quando eram molhadas; comiam com as mãos e sempre no chão. Ele, sua esposa e a secretária deram banho nas mesmas, vestiram roupas, cortaram os cabelos e unhas e depois tentaram colocá-las sentadas em uma cadeira para alimentá-las na mesa. Porém era dito: *elas não comiam como ‘seres humanos’, e logo jogaram a comida no chão e a comeram dessa forma*, segundo a autoridade.

Lembrando desse início da ressocialização e comparando com os tempos atuais percebemos que João evoluiu bastante. Hoje, ele pode compreender o significado de alguns objetos, como por exemplo, para que serve o gesto de oração, juntando a palma das mãos, mas o que não podemos afirmar é se ele compreende todos os significados abstratos, como, por exemplo, os que estão inseridos em um contexto religioso.

A governanta afirma que João reconhece os irmãos, o pai biológico, o tutor como pai adotivo, a tutora como mãe adotiva, demonstrando afetividades para com eles, mas como saber se ele realmente compreende o significado de parentesco, uma vez que esse sujeito demonstra essa afetividade com qualquer indivíduo que se aproxime dele?

O meio ambiente que João participa atualmente, fez com que ele aprendesse algumas coisas como, por exemplo: atitudes de gentileza, como afirma a tutora, relatando que ao chegar em casa com as compras, o mesmo oferece ajuda e consegue ajudar. Isso pode ser só um gesto aprendido, sem a mínima compreensão simbólica dos costumes de gentileza que

fazem parte de uma determinada cultura? Será que esse gesto pode fazer parte do comportamento instintivo de sobrevivência? Será que o interesse de João é apenas no conteúdo das compras, que sabe, algum deles, a ele lhe destinar?

Essas perguntas são difíceis de serem respondidas, mas o que nesse trabalho podemos dizer é que a ressocialização beneficiou João com o aperfeiçoamento das suas atitudes. Hoje, ele desenvolveu os recursos da comunicação, apropriando-se da linguagem da ação, compreendendo e se fazendo compreender por meio de indícios concretos, ligados sempre a situação do seu interesse, como já foi demonstrado.

Pensando em Pedro, podemos dizer que ele também foi beneficiado com a ressocialização, mas de uma forma diferente de João. Pedro passou muito tempo após o cativeiro em um quadro de isolamento social, parecia não perceber e absorver o novo mundo onde vivia. Aprendeu algumas boas maneiras da nossa cultura, mas conservou-se mudo, não gesticula, mas reage quando algo não lhe agrada. No final do ano de 2005, Pedro passou a aceitar o mundo social, não se escondendo das pessoas, permitindo a afetividade das pessoas para com ele e demonstrando carinho pela Governanta.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO IMPACTO NAS FUNÇÕES COMUNICATIVAS DURANTE O PERÍODO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE JOÃO E PEDRO.

Através de um método descritivo e quantitativo, as funções comunicativas de João e Pedro foram descritas e analisadas através do registro de vinte e cinco minutos de vídeo, produzido cada um nos anos de 2002, 2004 e 2005. Neste primeiro ano, 2002, as mesmas eram observadas na sede de APAE, local de permanência diurna, por conta da falta de uma outra estrutura física para a realização deste trabalho de pesquisa, sendo este também prejudicado em função da interferência de outras crianças e do uso de diazepam, ansiolítico que as crianças faziam pela tarde, ficando sonolentas.

No ano de 2004, houve um aumento na dosagem desta medicação, ainda segundo informações da professora da APAE, passando de “um para dois comprimidos ao dia”, o que devia se caracterizar num provável aumento da dose de dez para vinte miligramas. Importante frisar que esta droga, assim como a sua dosagem, era oferecida de acordo com o comportamento de João e Pedro, se eles se apresentavam mais agressivos. No caso, aumentavam a dosagem do medicamento naquele dia.

No registro videográfico do ano referido, 2004, pode ser observado um estado de sonolência que parece interferir nos resultados da análise de João. O impacto parece ter sido menor com Pedro, cujos resultados da análise não apresentaram maiores diferenças com o processo de ressocialização.

Por fim, em 2005, os sujeitos estão em casa de propriedade do tutor, sendo assistidos por governanta e família. Um dos motivos dessa mudança, segundo a diretora da APAE, foi a preocupação de técnicos institucionais com o “comportamento sexual” e a “agressividade” dos sujeitos. Em relação à primeira observação, a diretora diz que João ficava “se esfregando”, deitado num colchonete, ou então, abraçando outras crianças. Em relação à agressividade, Pedro mordia, e João além de morder dava tapas nos colegas em caso de

frustração. Morando em “sua casa”, este comportamento agressivo, tanto de João como Pedro não parece ter permanecido.

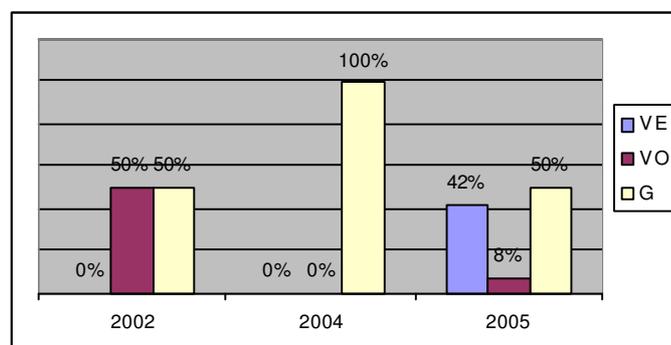
5.1 Descrição e análise do impacto nas funções comunicativas durante o período de ressocialização de João

A análise do registro videográfico fundamentou-se nas seguintes funções comunicativas: pedido de objetos; reconhecimento do outro; exclamativa; expressão de protesto; protesto; performativo; pedido de rotina social; comentários; não focalizada; pedido de ação; exibição; jogo compartilhado; pedido de informação; nomeação; exploratória; pedido de consentimento; função auto-regulatória e jogo. Importante frisar que não surgiram respostas no caso das narrativas (as emissões destinadas a relatar fatos reais ou imaginários) e dos reativos (emissões produzidas enquanto o sujeito examina ou interage com o objeto ou com parte do corpo).

Neste item, além da apresentação dos resultados, serão apresentados os conceitos de cada uma dessas funções, descritos os resultados da análise videográfica e tecido uma análise teórica a partir do resultado geral do impacto nas funções comunicativas.

I) Funções comunicativas

Gráfico 1 – Registros relativos de pedidos de objetos segundo videografia (2002 – n=4; 2004 – n=1; 2005 – n=12).



Pedidos de objetos são atos ou emissões usados para solicitar um objeto concreto desejado. Observamos que no ano de 2002, houve o registro de 50% para vocalização (VO) e 50% para gestos (G), relativos a quatro pedidos absolutos de ações e vocalizações em um período de filmagem de 25 minutos. Por sua vez, no ano de 2004 é observada a presença exclusiva de um gesto (G) no mesmo período de tempo. O ano de 2005 ficou marcado pelo surgimento das emissões verbais (VE) para estes pedidos de objeto, estando essas emissões verbais registradas com 42% das observações, ou seja, presentes em 5 pedidos verbais no mesmo período de tempo do registro; as vocalizações (VO) estiveram em menor número, apenas em 8% dos resultados, o que corresponde a 1 registro absoluto. Os gestos (G) permaneceram com um número de 50%, correspondendo a um número absoluto de 6 pedidos para um período de tempo de 25 minutos.

Descrição dos atos comunicativos:

1) Ano de 2002 (Local:APAE).

- β G1 - Inicialmente uma criança se aproxima de João para brincar com os seus brinquedos, mas ele a ignora. Posteriormente, uma outra criança pega uma peça que João gostaria de pegar, vindo a estender a mão para pedir este objeto, mas a referida criança não dá e João a agride com um murro na cabeça.
- β VO1 - João interrompe a brincadeira com lápis, e pede água tentando vocalizar.
- β G2 / VO2 - João tenta pegar os óculos da pesquisadora, estendendo a mão e emitindo vocalizações. Quando a pesquisadora os entrega, João imediatamente os coloca de cabeça pra baixo no seu rosto.

2) Ano de 2004 (Local:APAE).

β G1 - João fica sentando como se estivesse esperando alguma coisa, logo em seguida um homem sai da cozinha com o copo de água e João estende a mão para pegar o copo.

3) Ano de 2005 (Local: Residência atual).

β G1 - João estende a mão para pedir pipoca.

β VO1/G2 - João aponta para Alessandra, grita e tenta verbalizar algo.

β VE1 - Alessandra pergunta: — Quer um carrinho? João responde: — Quero.

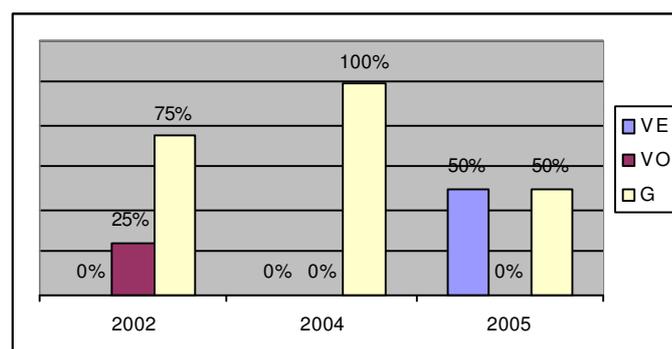
β VE2/G3 - Alessandra pergunta: — Mas não é dele? Apontando para Pedro. — João responde: — É — E logo em seguida se senta.

β VE3/G4 - Alessandra pega outro brinquedo (um relógio) e João diz: — Dá um, dá um. Com um tom de ordem.

β VE4/G5 - João puxa a governanta, leva -a até a cozinha e diz: — Água!

β VE5/G6 - João vai até governanta, gesticula, apontando para a boca com o polegar e diz: — Cachaça.

Gráfico 2 – Registros relativos de reconhecimento do outro segundo videografia (2002 – n=4; 2004 – n=4; 2005 – n=12).



Em se tratando de atos ou emissões usados para obter atenção do outro e para indicar o reconhecimento de sua presença, é observado no ano de 2002, 25% de vocalização

(VO) e 75% para gestos (G). Os registros de reconhecimento do outro foram em uma proporção de quatro ações em um período de tempo de 25 minutos. No ano de 2004 foi observado apenas a utilização dos gestos (G) para o reconhecimento do outro, que ficou registrado em uma proporção de 4 gestos para um período de 25 minutos. No ano de 2005 fica evidenciado a presença das emissões verbais (VE), com um número de 50%, contadas em uma proporção de 4 emissões verbais para um período de 25 minutos; os gestos (G) permanecem presentes com um número de 50%, contando também com 4 gestos para um período de 25 minutos; por sua vez, as vocalizações (VO) desaparecem.

1) Ano de 2002 (Local: APAE).

- β G1 - O adulto bate palma e João vai até o adulto e dá as mãos para que ele bata palma.
- β G2/VO - João coloca um brinquedo na mesa e chama o adulto para brincar com ela.
- β G3 - João pega um brinquedo, vai para frente da filmadora e ri para a pesquisadora.

2) Ano de 2004 (Local: APAE):

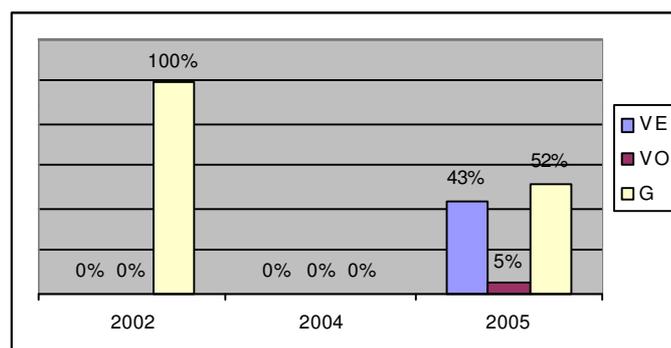
- β G1 – João ri para a câmera.
- β G2 – João está sentado ao lado do seu irmão. A professora pergunta: — João o que é que tu tem? Ele sorri para ela, levanta e vai abraçá-la, esperando um carinho.
- β G3 – A professora pergunta: — Tu tá com vergonha? João levanta a cabeça, sorri e depois baixa a cabeça novamente, como se estivesse se escondendo.
- β G4 – A professora sai. João pára de pintar e se deita em cima do papel. Depois a professora diz: — Hei, João tu vai dormir? Pinta! — João levanta a cabeça, sorri para a professora e volta a pintar.

3) Ano de 2005 (Local: Residência atual).

- β G1/VE1 - João aponta para a pesquisadora e diz: — Ô! — Em seguida bate palma.
- β G2/VE2 - João estende a mão para pegar água e aponta para a pesquisadora, dizendo: — Ali! — Mostrando-se contente com a presença da mesma.

- β G3/VE3 - João pega na mão de Alessandra, beija e diz: — brigado.
- β G4/VE4 - João beija a mão de Alessandra e diz: — ela é linda.
- β G5/VE5 - João vai para frente da filmadora, fica pulando e diz: — Hei!
- β G6/VE6 - João diz: — hei! (se dirigindo a Alessandra) vai até ela e faz careta.

Gráfico 3 – Registros relativos de exclamativo segundo videografia (2002 – n=1; 2004 – n=0; 2005 – n= 21).



No ano de 2002, nos atos ou emissões que expressem reação emocional a um evento ou situação, a função comunicativa observada foi exclusivamente gestual. Os registros de exclamativos foram em uma proporção de uma ação em um período de tempo de 25 minutos. No ano de 2004 não foi registrado nenhum gesto, nenhuma vocalização e nenhuma emissão verbal em um período de tempo de 25 minutos, isto deve ser compreendido pela sonolência do sujeito em estudo, visto que o mesmo tomava uma quantidade maior de diazepam. No ano de 2005 foi observado todos os meios comunicativos, onde o maior número desses meios foi o gestual (G) com 52% dos atos que corresponde a 9 gestos exclamativos em um período de 25 minutos, o segundo lugar ficou para as emissões verbais (VE) com 43% que corresponde a um número de 8 verbalizações em um período de 25 minutos, e por fim as vocalizações com 5% que corresponde a um número de 1 vocalização por um período de 25 minutos.

- 1) Ano de 2002 (Local: APAE).

β G1 - Inicialmente uma criança se aproxima de João para brincar com os seus brinquedos, mas ele a ignora. Posteriormente, uma outra criança pega uma peça que João gostaria de pegar, vindo a estender a mão para pedir este objeto, mas a referida criança não dá e João a agride com um murro na cabeça.

2) Ano de 2005 (Local: Residência atual).

β VO1/G1 - João vê a pesquisadora em cima do muro e aponta emitindo vocalizações com entonação de surpresa, se mostrando contente.

β VE1/G2 - João aponta para a pesquisadora e diz: — Ô! Em seguida bate palma.

β VE2/G3 - João estende a mão para pegar água e aponta para a pesquisadora, dizendo: — Ali! Mostrando-se contente com a presença da mesma.

β VE3/G4 - João tenta arrancar a bola da mão de Alessandra, gritando: — Espera!

β VE4/G5 - João pega a bola contente. Pega também na sacola e diz para Alessandra: —Dá um!

β VE5/G6 - Alessandra pega outro brinquedo (um relógio) e João diz: — Dá um, dá um. Com um tom de ordem.

β VE6/G7 - João senta para brincar com o relógio e Alessandra diz: — Me dá a tua bola ! João responde: — Não.

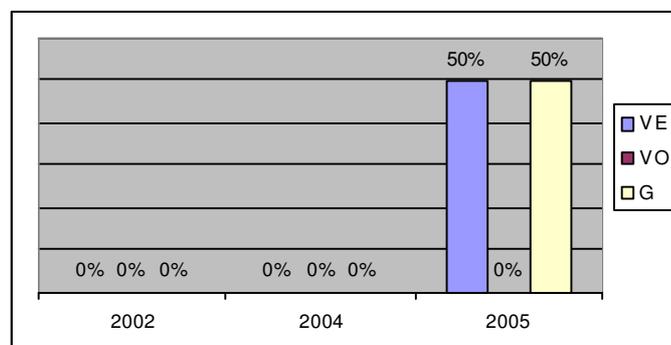
β VE7/G8 - João faz um gesto que quer água, Alessandra ignora e diz: — Coloque aqui (uma peça do brinquedo). João diz: — Não. Em seguida, João devolve o brinquedo a ela.

β VE8/G9 - João levanta, pega o brinquedo e entrega a Pedro. João diz: — Tchau. E gesticula para Alessandra.

β VE9/G10 - João fala mais uma vez: — Alô! Depois tenta colocar o telefone no gancho, não consegue e pedi a Alessandra que o coloque.

- β G11 – João quer sair. A governanta o manda voltar e diz: — Manda um beijo pra ela (pesquisadora). E ele manda para Alessandra e para a pesquisadora.

Gráfico 4 – Registros relativos de expressão de protesto segundo videografia (2002 – n=0; 2004-n=0; 2005 – n=4).

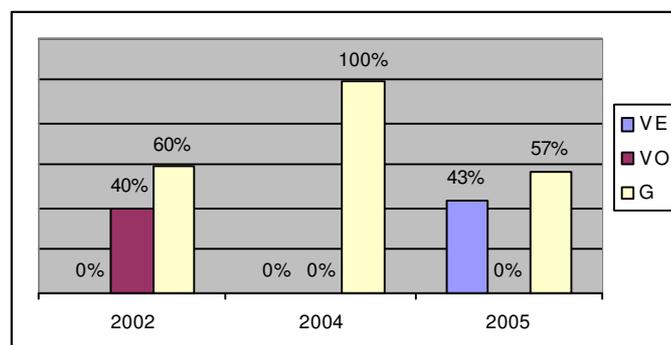


Nos anos de 2002 e 2004 não foram registrado nenhuma expressão de protesto em um período de tempo de 25 minutos para cada ano; no ano de 2005, por sua vez, foi registrado 50% das emissões verbais (VE) com um número de duas verbalizações para um período de 25 minutos, os gestos foram registrados com 50% das expressões de protesto confirmado com um número de dois gestos para um período de 25 minutos.

1) Ano de 2005 (Local: Residência atual).

- β G1/VE1 – Alessandra pega o carrinho para mostrar para João e ele diz com um tom bravo: — Hei!
- β G2/VE2 – A governanta diz: — Mostra a ela o muque. João mostra e diz: — Toma, toma (gesticulando como quem “dá uma banana”).

Gráfico 5 – Registros relativos de protesto segundo videografia (2002 – n=5; 2004 – n=5; 2005 – n=7).



No ano de 2002, nos atos ou emissões usados para interromper uma ação indesejada é observado predomínio de gestos (G), em torno de 60%, mais do que os 40% daquelas de vocalização (VO). Os registros de protestos foram em uma proporção de cinco ações em um período de tempo de 25 minutos. No ano de 2004, foi observado apenas gestos (G) para demonstrar atos de protesto, essa observação fica evidenciada em um número de 5 gestos por um período de 25 minutos. No ano de 2005, observamos um número de 43% das emissões verbais (VE), apresentando-se com 3 verbalizações para um período de tempo de 25 minutos, foi registrado 57% de gestos (G) com um número de 4 gestos para um período de tempo de 25 minutos.

1) Ano de 2002 (Local: APAE).

- β VO1/G1 – A pesquisadora solicita que João fale com o seu irmão. Ele tenta, emitindo um som. Em seguida vai pegar um brinquedo que se encontra na estante da sala.
- β VO2 - João interrompe a brincadeira com lápis, e pede água tentando vocalizar.
- β G2 - Quando João termina de beber água a pesquisadora o convida para sentar e continuar a brincadeira, mas ele não senta e a puxa para sentar em um banquinho que tem próximo a mesa.
- β G3 - No meio do passeio João solta a mão da pesquisadora e corre em direção aos outros colegas que estão ganhando pirulito.

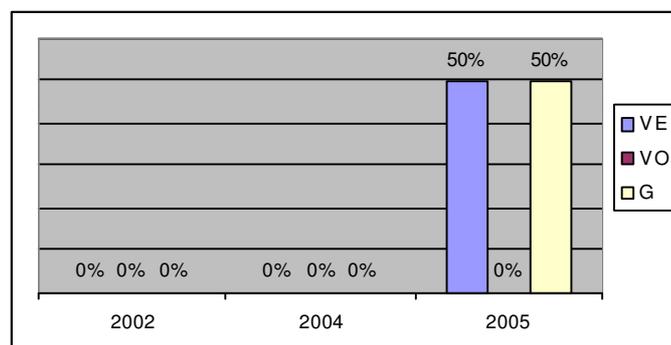
2) Ano de 2004 (Local: APAE).

- β G1 – João senta ao lado de um homem (ajudante da APAE), não fala nada, quando o homem sai, ele sai atrás do homem.
- β G2 – O homem manda João sentar, ele obedece, mas quando o homem sai, ele sai em seguida e vai até a cozinha.
- β G3 – O homem sai da cozinha. João percebe que ele já saiu e entra na cozinha.
- β G4 – A professora sai. João pára de pintar e se deita em cima do papel. Depois a professora diz: — Ei! — João tu vai dormir? Pinta! — João levanta a cabeça, sorri para a professora e volta a pintar.
- β G5 – A professora pergunta: — João, você gosta de pintar? Ele movimentava a cabeça negativamente, e pára de pintar.

3) Ano de 2005 (Local: Residência atual).

- β G1 – João devolve a revista à governanta e levanta para pegar um brinquedo que se encontra com Alessandra.
- β VE1/G2 – João faz um gesto de quem quer água, a psicóloga ignora e diz: — Coloque aqui (uma peça do brinquedo). João diz: — Não! Em seguida, João devolve o brinquedo a Alessandra.
- β VE2/G3 – João entrega o telefone para Alessandra colocar no gancho. Ela diz: — Coloca aqui. João diz: — Não, não, não! Aborrecido entrega a ela e pega a bola.
- β VE3/G4 – Alessandra vai entregar o telefone a Pedro; João levanta, pega o telefone e diz: — Alô, quem é? Depois diz: — Cú! De forma agressiva, bate o telefone e sai, deixando com Alessandra.

Gráfico 6 – Registros relativos de performativo segundo videografia (2002 – n=0; 2004 – n=0; 2005 – n=10).

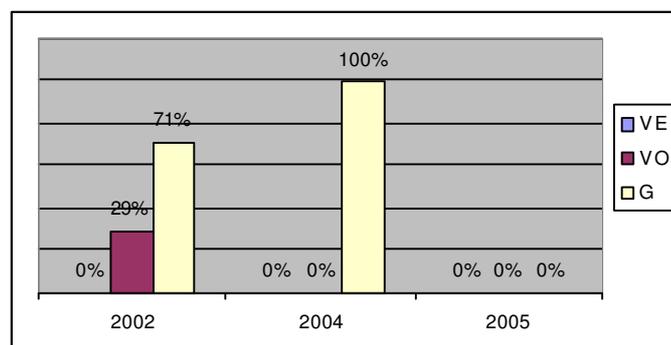


Nos anos de 2002 e 2004, não foram registrados nenhum ato de performativo em um período de tempo de 25 minutos para cada ano; no ano de 2005, observamos 50% de emissões verbais (VE) em um número de 5 performativos por um período de tempo 25 minutos, observamos também, 50% dos gestos (G) em um número de 5 gestos para um período de tempo de 25 minutos.

1) Ano de 2005 (Local: Residência atual).

- β G1/VE1 – João pega o telefone e diz: — Alô!
- β G2/VE2 – João entra na casa, volta, pega o telefone e diz: — Alô, quem é? —Tchau.
- β G3 /VE3– João fala mais uma vez: — Alô! Depois tenta colocar o telefone no gancho, não consegue e pede a psicóloga que coloque.
- β G4/VE4 – João pega o telefone. A governanta diz: — Diga?! Alô! Quem fala? E João diz: — Quem fala? A governanta diz: — João. O mesmo repete. Ela o manda repetir outras palavras e ele repete.
- β G5/VE5 – João, fala ao telefone sem ninguém mandar e diz: — Alô! —Tchau e desliga o telefone.

Gráfico 7 – Registros relativos de pedido de rotina social segundo videografia (2002 – n=7; 2004 – n=5; 2005 – n= 0).



No ano de 2002, nos atos ou emissões usados para solicitar que inicie ou continue um jogo de interação social, continua sendo observado um predomínio em torno de 71% dos gestos (G), contra 29% de vocalizações (VO). Os registros de pedido de rotina social foram em uma proporção de 7 ações em um período de tempo de 25 minutos. No ano de 2004, observamos 100% de gestos (G) para pedido de rotina social, sendo observado um número de 5 gestos por um período de tempo de 25 minutos. No ano de 2005, não foi observado nenhum ato ou emissões para o pedido de rotina social.

1) Ano de 2002 (Local: APAE).

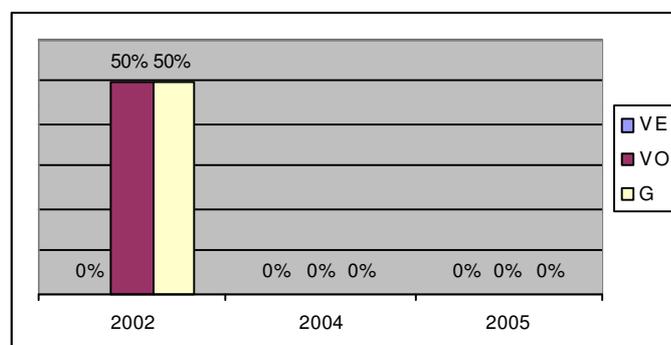
- β G1 – O adulto bate palma e João vai até o adulto e dá as mãos para que ele bata palma.
- β G2 – João leva o adulto até outra criança para dançar com ele também.
- β G3 – João puxa o irmão para dançar.
- β G4/VO1 – A professora (da APAE) solicita que João faça uma ciranda com os colegas e ela (a professora).
- β G5/VO2 – A pesquisadora convida João para dar um passeio, e imediatamente ele fica de pé e pega na mão da pesquisadora.

2) Ano de 2004 (Local: APAE).

- β G1 – João está sentado ao lado do seu irmão, a professora pergunta: — João o que é que tu tem? Ele sorri para ela, levanta e vai abraçá-la, esperando um carinho.

- β G2 – A professora diz: — Vai João, pega o lápis, pinta, escolhe só um, pinte, pinte o chapéu do homem. — Cadê o chapéu? E João aponta para o papel. A professora repete: — O chapéu, preste atenção, cadê o chapéu? E João aponta para a cabeça.
- β G3 – João levanta e oferece o seu desenho a duas pessoas. Depois a professora pede o desenho e ele entrega.
- β G4 – João senta ao lado de Pedro e o beija na bochecha, mas Pedro não gosta e grita.
- β G5 – Uma mulher (desconhecida pela pesquisadora) chega e João corre para abraçá-la.

Gráfico 8 – Registros relativos de comentários segundo videografia (2002 – n=2; 2004 – n=0; 2005 – n=0).

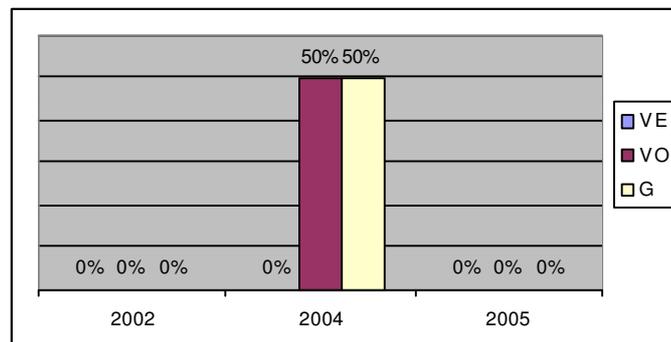


No ano de 2002, nos atos ou emissões usados para dirigir a atenção do outro para um objeto ou evento, existe igual proporção entre vocalizações (VO) e de gestos (G). Os registros comentários foram em uma proporção duas ações em um período de tempo de 25 minutos. Nos anos de 2004 e 2005 não foram observados atos ou emissões para qualquer tipo de comentário, em um período de 25 minutos de registros filmados para cada ano.

1) Ano de 2002 (Local: APAE).

- β VO/G - João pára a brincadeira e aponta para o relógio da pesquisadora com a emissão de algum som.

Gráfico 9 – Registros relativos de não focalizada segundo videografia (2002 – n=0; 2004 – n=2; 2005 – n=0).

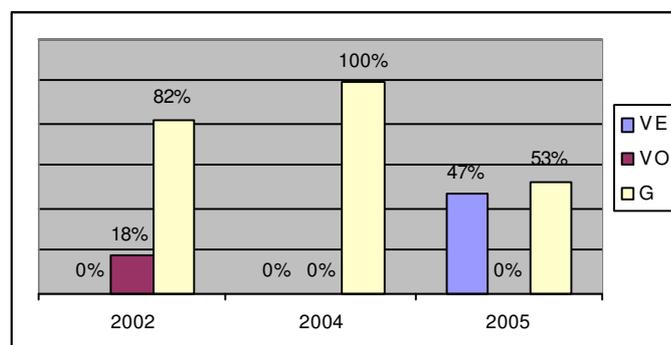


No ano de 2002 não observamos nenhuma emissão produzida sem que o sujeito não estivesse focalizando a sua atenção em nenhum objeto ou pessoa, esse registro foi obtido em um período de tempo de 25 minutos. No ano de 2004, observamos o registro da função comunicativa não focalizada com um número de 50% para as vocalizações (VO) e 50% para os gestos (G) em um número de 1 ato para os gestos, e 1 ato para as vocalizações registrados em um período de tempo de 25 minutos. No ano de 2005, não foi registrado nenhuma função comunicativa do tipo não focalizada por um período de tempo de 25 minutos.

1) Ano de 2004 (Local: APAE).

β G1-VO1 - João deita no chão e fica vocalizando sozinho.

Gráfico 10 – Registros relativos de pedido de ação segundo videografia (2002 - n=11; 2004 – n=3; 2005 – n=19).



No ano de 2002, nos atos ou emissões usados para solicitar ao outro que execute uma ação, é observado um maior predomínio de pedidos através de gestos (G) em torno de 82%, contra 18% de vocalizações (VO). Os registros de pedido de ação foram em uma proporção de onze ações em um período de tempo de 25 minutos; por sua vez, no ano de 2004 observamos 100% de gestos (G) para pedidos de ação, que ficou registrado por um número de 3 gestos em um período de tempo de 25 minutos. No ano de 2005, observamos 47% de emissões verbais (VE) registrados com um número de 9 pedidos de ação em um período de tempo de 25 minutos, observamos ainda 53% de atos gestuais (G) confirmados por um número de 10 gestos para um período de tempo de 25 minutos.

1) Ano de 2002 (Local: APAE).

- β G1 – João chama a professora da APAE para dançar. Vai até ela e puxa.
- β G2 – João bate no ombro da professora para solicitar a sua atenção.
- β G3/VO1 – João coloca um brinquedo na mesa e chama o adulto para brincar com ela emitindo som e gesto.
- β G4 – João levanta a mão para que a pesquisadora bata na mão dele.
- β G5 – Quando a pesquisadora solicita, João coloca os óculos na mão da pesquisadora.
- β G6/VO2 – A pesquisadora convida João para dar um passeio, e imediatamente ele fica de pé e pega na mão da pesquisadora ao mesmo tempo em que emite sons.
- β G7 – A pesquisadora convida João para voltar, ele levanta, pega na mão da pesquisadora e oferece a outra mão para a câmera.
- β G8 – Quando a pesquisadora pega a sua mochila para ir embora, João pega na mão dela e leva até a porta.
- β G9 – João pede ajuda para tirar o papel do pirulito.

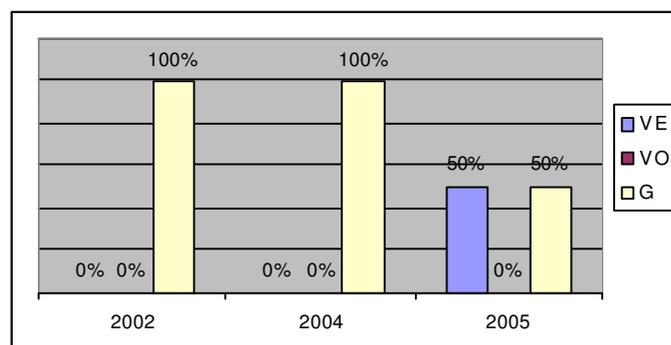
2) Ano de 2004 (Local: APAE).

- β G1 - O homem (ajudante da APAE) manda João sentar, ele obedece, mas quando o homem sai ele sai em seguida e vai até a cozinha
- β G2 – João levanta e oferece o seu desenho a duas pessoas. Depois a professora pede o desenho e ele entrega.
- β G3 – João senta ao lado de Pedro e o beija na bochecha, mas Pedro não gosta e grita.

3) Ano de 2005 (Local: Residência atual).

- β G1 – João estende a mão para oferecer pipoca
- β G2/VE1 – João chama a governanta para mostrar uma revista, aponta para ela falando:
— Cá!
- β G3/VE2 – João percebe que Alessandra está carregando uma sacola de brinquedos, ele aponta e diz: — Dá um, hei!
- β G4 – João devolve a revista à governanta e levanta para pegar um brinquedo que encontra-se com a Alessandra.
- β G5/VE3 – João tenta arrancar a bola da mão de Alessandra, gritando: — Espera!
- β G6/VE4 – João pega a bola contente. Pega também na sacola e diz para Alessandra:
— Dá um!
- β VE5 – João repete várias vezes: — Dá um.
- β G7/VE6 – João aponta para a sacola e também aponta para Pedro, dizendo a Alessandra: — Pra ele.
- β G8/VE7 – João leva o carro até Alessandra e diz: — É teu. E ela diz: — Cadê a pazinha? João responde: — Aqui.
- β G9/VE8 – João puxa a governanta, levando-a até a cozinha e diz: — Água.
- β G10/VE9 – João fala mais uma vez: — Alô! Depois tenta colocar o telefone no gancho, não consegue e pede a Alessandra que colo que.

Gráfico 11 – Registros relativos de exibição segundo videografia (2002 - n=2; 2004 - n=2; 2005 - n=10).



Nos anos de 2002 e 2004, os atos usados para atrair a atenção para si foram exclusivamente através de gestos (G). Os registros de exibição foram em uma proporção de duas ações em um período de tempo de 25 minutos para cada ano. No ano de 2005, nos atos ou emissões usados para exibição, existe igual proporção entre emissões verbais (VE) e atos gestuais (G), sendo observado, um número de 10 emissões verbais e 10 atos gestuais para um período de tempo de 25 minutos.

1) Ano de 2002 (Local: APAE).

- β G1 – João pega um brinquedo, vai para frente da filmadora e ri para a pesquisadora.
- β G2 – João vai dançar com o seu irmão na frente da filmadora e fica apontando para a pesquisadora.

2) Ano de 2004 (Local: APAE).

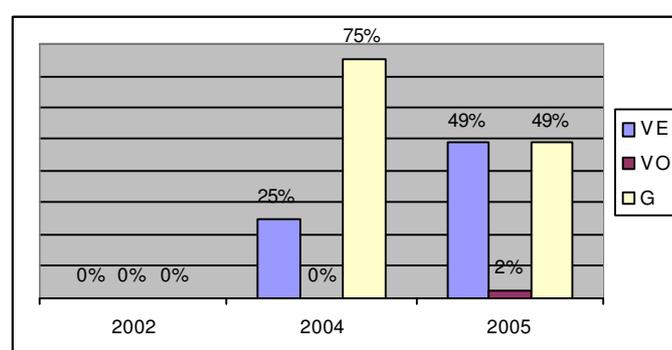
- β G1 – João ri para a câmera.
- β G2 – João está sentado ao lado do seu irmão. A professora pergunta: — João o que é que tu tem? Ele sorri para ela, levanta e vai abraça-la, esperando um carinho.

3) Ano de 2005 (Local: Residência atual).

- β G1/VE1 – Alessandra entrega o carrinho a João, e ele diz: — Tá linda!
- β G2/VE2 – João vai para frente da filmadora, fica pulando e diz: — Hei!
- β G3/VE3 – João diz: — Hei! Se dirigindo a Alessandra. Vai até ela e faz careta.

- β G4/VE4 – João vai até a governanta, gesticula apontando a boca com o polegar e diz:
— Cachaça.
- β G5/VE5 – Alessandra vai entregar o telefone a Pedro; João levanta, pega o telefone e diz: — Alô, quem é? Depois diz: — Cú! E de forma agressiva bate o telefone e sai deixando com Alessandra.

Gráfico 12 – Registros relativos de jogo compartilhado segundo videografia (2002 – n=0; 2004 – n=4; 2005 – n=41).



No ano de 2002, não foi registrado nenhum ato ou emissões utilizados para alguma atividade organizada e compartilhada entre adulto e criança. No ano de 2004, observamos 25% de emissões verbais (VE) contra 75% dos gestos (G) utilizados em um período de tempo de 25 minutos, onde ficou caracterizado por um número de 3 gestos e uma vocalização. No ano de 2005, observamos 49% das emissões verbais (VE), 2% das vocalizações e 49% dos gestos, que se confirmou por vinte emissões verbais, uma vocalização e 21 gestos em um período de tempo de 25 minutos.

1) Ano de 2004 (Local: APAE).

- β G1 – João está jogando quebra-cabeça com outras crianças da APAE.
- β G2 – A professora diz: — Pinte, pinte bem bonito. Imediatamente ele começa a pintar.

